

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS, E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS – DLM

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INDIVIDUAL EM LETRAS MODERNAS

CAROLINA SIEJA BERTIN

**“A CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO NA NARRATIVA DE
SALMAN RUSHDIE”**

Trabalho de graduação individual
apresentado ao Depto. de Letras
Modernas da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas, sob a
orientação da Prof^a. Dra. Laura Patrícia
Zuntini de Izarra.

Junho/2009

CAROLINA SIEJA BERTIN

**“A CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO NA NARRATIVA DE
SALMAN RUSHDIE”**

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo 1: <i>a convicção</i>	16
Capítulo 2: <i>a imposição</i>	34
Capítulo 3: <i>a sedução</i>	46
Conclusão	60
Bibliografia	64

RESUMO:

Envolvidos em um universo de espionagem que envolve tanto Ocidente quanto Oriente, o conto “Chekov e Zulu” (do livro *East, West*, 1996) retrata as inter-relações culturais através da amizade de dois indianos. Amigos desde a infância, Chekov e Zulu compartilham as mesmas lembranças, o mesmo interesse pela série americana Star Trek e, inclusive, o mesmo emprego como diplomatas. No entanto, em agosto de 1984, quando Chekov e Zulu se encontram para uma missão que pretende desvendar os mistérios do assassinato da presidente indiana Indira Gandhi, ambos percebem que suas idéias são tão inconciliáveis que não é mais possível levar a amizade a diante.

O principal ponto de divergência entre Chekov e Zulu é o conceito de nação, pois suas ações são condicionadas pela “imagem” de indivíduo legitimamente indiano que cada um criou a sua maneira. Tendo isso em vista, procuramos observar de maneira o nacionalismo é tratado no conto, e como as personagens encontram uma saída nessas inter-relações culturais que se dá entre Oriente e Ocidente.

Os movimentos de nacionalismo examinados durante o conto foram: a convicção, a imposição, e a sedução. A partir dos três, buscamos examinar a complexidade, a ambiguidade e a contradição do conto, bem como o estabelecimento da relação de Chekov e Zulu neste embate entre Oriente e Ocidente.

INTRODUÇÃO

I

Em 1947, após uma série de divergências sociais, a Índia finalmente se torna um país independente, e, a partir daí, inicia um período de transição que tem como principais características o desmembramento entre Índia e os valores da colonização britânica, bem como a conseqüente necessidade de reinvenção da identidade indiana. Diante de tal quadro social e politicamente efervescente, nasce Rushdie, quase dois meses antes da independência de seu país, transformando sua própria biografia em arte, mesclando-a com a história de seu país.

Mesmo concebido em uma família muçulmana, Rushdie não só não se adéqua aos preceitos do islamismo, como também, anos depois, definirá a si mesmo como um autor sem filiação religiosa ou política, sob a alegação de que “quando o Estado ou a religião começam a limitar nossa liberdade de expressão, começa também um massacre de nosso humanismo” (entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, 11 de julho de 2005). Seu despreendimento de ideologias não o impedirá de inserir os aspectos políticos e religiosos em suas narrativas, sobressaindo-se por unir mito e fantasia à vida real (conectando-se ao realismo mágico), ao mesmo tempo em que reflete as diferenças religiosas e culturais, não apenas entre os grupos indianos, mas também entre estes e o mundo ocidental. Rushdie cria, então, uma visão complexa sobre pátria.

Com o que me aconteceu [*sentença de morte, ocasionada após seu livro ‘Versos Satânicos’ ter sido interpretado como uma ofensa ao islamismo*], aprendi que essa é a parte mais forte da literatura. A literatura não pertence a nenhum grupo. Ninguém é dono de um

escritor. Um escritor não fala em nome de uma ideologia. O assunto de um escritor é dizer: eu vejo isso assim. (Rushdie em entrevista no jornal *Folha de São Paulo*, 11/07/2005)

Na verdade, tal complexidade se deve ao fato de Rushdie ser um autor anglo-indiano pertencente a uma diáspora, ou seja, deixou seu país sem a certeza de retornar. Nascido na Índia, o autor estudou e morou por muitos anos na Inglaterra, estabelecendo um impasse cultural subjetivo: possui uma terra de origem que não pode ser recuperada, já que, uma vez “europeizado”, não é considerado como legítimo representante oriental; assim como não é totalmente absorvido pela nação européia: “Rushdie is the kind of cloven writer produced by migration, inhabiting and addressing both world, the East and the West, the world of his mother country and that of his adopted country, belonging wholly to neither one nor the other.” (Goonetilleke, 2005, p. 06).

A condição de Rushdie de indivíduo que comporta uma ausência de nação (pelo menos em seu sentido material) é consciente e divulgado como sendo sua qualidade, já que ele considera ser a condição de não pertencer a nenhum partido e ser independente, os aspectos mais importantes para um escritor. Na verdade, segundo o autor, a pluralidade e a particularidade que o compõem são mais importantes do que as identidades raciais, religiosas e nacionais, instaurando um “individualismo existencial” visível em suas obras (Rushdie em entrevista a *Folha de São Paulo*, 11/07/2005).

Ao que parece, Rushdie se tornou conhecido no Brasil principalmente após ser condenado à morte, por sua obra *Versos Satânicos*, em 1989, sendo este, conseqüentemente, seu livro mais comercializado nas livrarias brasileiras, com maior número de traduções para o português. Porém, foi com sua vinda ao Brasil, em 2003, para a divulgação de seu livro *Shalimar, o Equilibrista*, que o autor passou a se caracterizar não apenas como um crítico do islamismo, mas também como um indivíduo moderno

não-pertencente a uma comunidade específica, instaurando o anteriormente citado “individualismo existencial” como condição do homem moderno.

Apesar da complexidade existente em Rushdie, não surpreende o fato do desconhecimento do autor no Brasil antes dos anos 90, já que a realidade que o cercava não era a mesma com a qual o público brasileiro estava habituado: Rushdie representa a problemática do autor em situação de diáspora do mundo moderno.

Obviamente, não ocorreu o total desligamento entre a imagem de Rushdie e sua condenação ao “*fatwa*”, e a maior parte das notícias que chegam ao leitor brasileiro é com relação aos *Versos Satânicos*. Porém, após suas declarações na Feira Literária de Paraty sobre o enquadramento do autor moderno no cenário contemporâneo, considerando sua própria posição, foi possível observar um crescimento na sua popularidade, devido à instauração de uma nova tendência dos autores pertencentes a diásporas a optar pela pluralidade como constituição do indivíduo moderno. É devido a tal filosofia que Rushdie opta por se considerar “a translated man”, ou seja, um homem marcado por um hibridismo cultural, constituindo sua identidade em negociações, interações e assimilações culturais (Goonetilleke, 2005, p. 19).

O estranhamento por parte do leitor brasileiro do autor e de suas idéias revela quão grande é a barreira que ainda separa o Oriente e Ocidente em termos culturais. Inclusive, a dialética entre os dois mundos tomará maiores proporções na vida de Rushdie a partir da década de 1990, após ter sido condenado à sentença de morte, já que, ao mesmo tempo em que suas raízes culturais tem como fonte o islamismo, percebe que sua liberdade de expressão apenas poderá realizar-se no ocidente (op. cit. p. 125).

Em 1992, Rushdie decide-se por renunciar ao Islã, sentindo-se traído, pois, em seu julgamento, nenhum dos seis representantes islâmicos solidarizou-se com ele, e todos corroboraram sua sentença de morte. Ao mesmo tempo, entende que suas origens estão na Índia de sua infância, e não na Inglaterra que o acolheu (ou que foi acolhida por ele).

Sentindo-se impossibilitado de escolher um lado, Rushdie opta pela “não opção”, e permanece na posição de intermediador:

O escritor [*Rushdie*] ressalta que não se sente pertencente a nenhum país, mas sim a cidades, e destaca que Mumbai não representa o resto da Índia, como Londres e Nova York diferenciam-se do resto do Reino Unido e dos Estados Unidos. ‘Pertencço a três cidades: Mumbai, Londres e Nova York, e não posso escolher nenhuma delas’, afirmou. Segundo Rushdie, a identificação com uma cidade corresponde a uma pluralidade e particularidade de si mesmo, mais importante do que as identidades raciais, religiosas e nacionais. (Entrevista à *Folha de São Paulo*, 11/07/2005).

Pretendendo representar sua ambiguidade, Rushdie escreve seu livro de contos *East, West* (1994) e consolida a idéia de que o outro, que nos parece tão estranho, está em nós: “quanto mais você se concentra no outro, mais se vê no outro. O racismo e o nacionalismo atraem os que não sabem como olhar o outro. Provavelmente, nossa maior tragédia é que somos mais semelhantes do que pensamos” (op. cit.)

O livro divide-se em três secções: *East* (“Leste”, englobando histórias que se passam na Índia e no Paquistão); *West* (“Oeste”, que foca em três aspectos culturais principais do ocidente: “Hamlet”, “The Wizard of Oz”, e “Cristóvão Colombo”); e *East, West* (trazendo o oriente e o ocidente juntos, onde a ênfase recai sobre as fronteiras existentes entre ambos). Através da obra, podemos ver que sua posição é a de se tornar a vírgula do título, e permear entre os dois mundos, sem pertencer a nenhum, de acordo com seu individualismo existencial, sem que isso possa representar um vazio.

O conto escolhido, “*Chekov and Zulu*” está na última secção apresentada, já que trata da questão das forças históricas e políticas se colocando de maneiras diferentes na vida das suas personagens principais, e o fazendo-os se dividir entre suas tradições e a necessidade de se abrir para um novo mundo ocidental. Chekov e Zulu se tornam os principais representantes do caos em que vive a Índia na década de 90, já que o conflito entre Hindus e Sikhs tomava proporções absurdamente enormes. Tudo isso se passa dentro de um universo do seriado norte americano Star Trek, onde um busca “invadir” e “descobrir” o território do outro.

Aliás, é grande a zona de intersecção entre Star Trek e a condição da Índia pós-independência. No seriado, seres humanos unem-se a outras espécies da [galáxia](#) para formar a [Federação Unida de Planetas](#), devido a uma fase pós-apocalíptica da Terra, que, ao mesmo tempo que quase extinguiu a raça humana, contribuiu para que os sobreviventes pudessem alcançar o progresso científico, e superar seus defeitos a partir da intervenção alienígena.

Passando para o plano real, na década de 80 a Índia começou a sua abertura econômica para o ocidente, encerrando um período socialista. O então primeiro-ministro Rajiv Gandhi reduziu as tarifas de importação de máquinas e equipamentos, cortou os impostos sobre lucros e exportações e diminuiu o número de setores em que a iniciativa privada precisava de licença do governo para operar. Consequentemente, a abertura de suas portas para uma economia ocidental ocasionou em um maior contato cultural e uma maior aproximação entre ocidente e oriente. A Índia conseguiu aliados e, a partir destes, o primeiro ministro alegava que os indianos só teriam a ganhar e a se desenvolver.

Paradoxalmente, a década de 80 também foi marcada pelo crescimento do fundamentalismo muçulmano, que dava forças ao movimento separatista da Caxemira, tanto por parte de grupos que surgiram na região, como de outros que se desenvolveram no Paquistão. Dessa maneira, formaram-se grupos guerrilheiros que passaram a lutar pela

independência e que receberam apoio externo. Parece-nos, então, que há a existência de duas Índias distintas: uma que adota métodos políticos ocidentais e estabelece contatos com o FMI na tentativa de se expandir; e outra que procura se fechar e se diferenciar de todos cada vez mais, tratando com hostilidade aqueles que lhe são análogos, e que vão contra seus ideais¹.

Sendo assim, a palavra que cabe aqui, e que explicará como funciona a disposição de espaços no conto é a *oscilação*: ao mesmo tempo em que Chekov e Zulu quebram as barreiras e partem para o Ocidente, há algo que ainda os puxa para as suas raízes, sussurrando em seus ouvidos que eles não pertencem ao lugar onde estão.

Chekov (aparentemente muçulmano) e Zulu (sikh) são amigos de infância e dividem interesses pessoais desde então, como por exemplo, o grande universo Star Trek em que vivem e que tentam aplicar em suas vidas como diplomatas (ou “diplonauts” como preferem se denominar), explorando o mundo e as novas civilizações. Porém, a partir do momento em que Zulu voltar a manter contato com os sikhs – em uma missão especial para descobrir se eles realmente foram os assassinos da presidente Indira Gandhi – percebe que nada está sendo feito pelo governo indiano para conter os massacres contra os praticantes do sikhismo. Aliás, nem mesmo Chekov parece discordar do assassinato em massa.

Revoltado com o sistema e com seu amigo, Zulu abandona seu emprego, volta para a Índia, abre uma empresa de segurança, e vive feliz com sua mulher e seus filhos; já Chekov, continua ascendendo socialmente no seu emprego como diplomata, porém, morre em um atentado contra Rajiv Gandhi, em decorrência da explosão de uma bomba. O último encontro entre Chekov e Zulu, se dá em seu delírio final, quando ambos, de

¹ Prova disso é que na década de 90, o próprio Rajiv Gandhi seria assassinado em plena campanha eleitoral.

mãos dadas em uma nave Star Trek, vão de encontro a uma luz, rumo ao infinito.

Ocorre então um fenômeno interessante que aproxima Chekov e Zulu, ao mesmo tempo em que os afasta: ambos constroem os parâmetros do “real indivíduo indiano” baseados em “comunidades imaginadas” (para retomar o termo de Anderson, 1991); ou seja, tanto Chekov quanto Zulu possuem, cada um a sua maneira, uma determinada concepção de Índia em seus imaginários, e, com base nelas, criam os parâmetros para o que seria a imagem do indiano. A única coisa que os une seria o interesse comum pela série Star Trek.

Segundo Anderson, as nações devem ser distinguidas, não pela falsidade/genuinidade de seu nacionalismo, mas pela maneira através da qual elas são fantasiosamente construídas nos seus limites territoriais, na sua soberania, e na sua própria definição de “comunidade”. Anderson enfatiza a importância da cultura construída (substituta da cultura ligada à religião e à tradição) e, principalmente, do papel do capitalismo no desenvolvimento da nação.

É importante assinalarmos que nem toda a teoria de Anderson estará de acordo com o conto, e o ponto em que a divergência ocorre de maneira mais intrigante é na questão da construção horizontal da nação. Segundo Anderson, a nação é imaginada de maneira horizontalmente coletiva; é como se tivéssemos uma população inteira criando os mesmos signos, referências e experiências em comum para sua comunidade, condicionados por alguns aspectos, tais como a criação de limites territoriais, de museus, de censos, etc. Dessa forma, o que distinguiria as diversas nações é o “estilo” ou “a maneira” como são imaginadas, e os recursos de que utilizam. Logo, não existe comunidade mais ou menos real.

A formação destas “redes de parentesco” que dota seus membros de certa particularidade deve ser compreendida dentro do contexto da proliferação de jornais e outras publicações, como o romance, que desde o surgimento da prensa mecânica de

Gutenberg vêm criando uma espécie de ligação invisível e, portanto, simbólica, entre pessoas que, não raro, não possuíam a menor semelhança cultural entre si. O tempo dos jornais, o tempo da simultaneidade, seria fundamental para se pensar o “estar junto” presente nos espíritos daqueles que fazem parte de uma nação.

Entretanto, é praticamente impossível que, em um país onde vigoram mais de vinte línguas oficiais e regionais reconhecidas, cinco religiões, e incontáveis diversidades étnicas, como a Índia, a construção de nação se dê de maneira horizontal, com todos os habitantes imaginando a mesma comunidade-nação. O próprio Rushdie não concorda com a universalização da imagem de nação para todos os indianos, já que a heterogeneidade religiosa, social e política do país impede a padronização de uma imagem específica:

Rushdie stresses that India was ‘a nation which had never previously existed...quite imaginary...a mythical land, a country which would exist except by the efforts of a phenomenal collective will – except in a dream we all agreed to dream...a mass fantasy shared in varying degrees by Bengali and Punjabi, Madrasi and Jat’ (p. 112) (...) at a deeper level, he is showing that his is not true of India, that it is composed of communities. (Goonetilleke, 1998, pp. 26 – 27)

Sendo assim, usamos aqui o termo “Índia imaginária” para definir o conceito que cada indivíduo constrói de seu país, e não a padronização de uma imagem de comunidade, como afirma Anderson. Será necessário analisar a maneira como o nacionalismo se apresenta e se desenvolve, relacionando tais conceitos às ações de Chekov e Zulu durante o conto.

II

A pesquisa sobre a literatura indiana nos levou a perceber que Rushdie não é o único autor que representa em seus personagens a tendência da constituição individualizada de nação. Segundo os estudos do próprio Rushdie e de West (*Mirrorwork. 50 Years of Indian Writing*, 1997) há uma separação não brusca, mas forte o bastante para ser marcante, entre a literatura anterior e posterior à independência. Enquanto os textos antigos da Índia provinham de uma tradição poética e oral, tendo a religião como base, a literatura moderna constitui-se de aspectos sociais que procuram dar voz a uma sociedade heterogênea, onde cada indivíduo tem algo diferente a ser dito.

Outro fato marcante na literatura foi o surgimento do fenômeno da diáspora, que tornou-se comum na Índia desde a década de 30, fazendo com que alguns escritores como Raja Rao, R. K. Narayan, Nayantara Sahgal, GV Desani, Anita e [Kiran Desai](#), [Arundhati Roy](#), [Raj Kamal Jha](#), [Vikas Swarup](#), etc., entrassem em contato com culturas da Europa e da América do Norte. A diáspora ainda permitiu que os escritores indianos pudessem representar em suas obras o sentimento de legitimação das diferenças dentro das unidades nacionais onde viviam, fazendo com que suas terras de origem fossem estruturadas imaginariamente como os estados-nação perdidos e a reconstituir.

A partir de suas experiências cada autor procura representar o que é ser indiano: Narayan quase sempre utilizava a tragicomédia ao mostrar personagens indianos se adaptando a um mundo moderno; Nayantara lida com a dificuldade da elite indiana em se adaptar às mudanças políticas; Raja Rao tem suas raízes cravadas no hinduísmo, etc. Muitas são as tendências dos escritores indianos, mas a maior dificuldade foi descobrir a tendência de Rushdie, um autor que declara não ter escolhido tendência nenhuma.

De qualquer maneira, a presente pesquisa procurou trabalhar a maneira com que

Rushdie lida com a questão do nacionalismo através de suas personagens do conto “Chekov and Zulu” e, para isso, foi preciso observar os diversos trabalhos sobre nação indiana, bem como elaborar os movimentos de nação presentes no texto.

Apesar do nacionalismo sempre ter estado em pauta, foi após o colapso do comunismo soviético, por volta das décadas de 50 e 60, que vemos uma grande evolução no termo, no sentido de que saiu do vocabulário teórico para se tornar comum ao debate geral.

Contemporaneamente a esse período, Ásia e África passavam pela fase de pós-colonização, durante a qual, ao mesmo tempo em que procuravam se desprender das amarras coloniais, mantinham como base o pensamento em prol da modernização e colonização. A busca por uma “independência cultural” levou a sociedade a constante procura por uma diferenciação do mundo ocidental, através de suas tradições e de sua originalidade (Chatterjee, 1999).

Com o passar do tempo, e com a crescente importância do termo “nacionalismo”, sua definição acabou se tornando extremamente complexa, a ponto de acreditarmos que cada comunidade adota uma diferente perspectiva de nação. Aqui, chegamos à hipótese que, no texto de Rushdie, podemos observar três principais exercícios de nacionalismo: *convicção, imposição e sedução*.

O nacionalismo parte de uma *convicção* quando há exteriorização do mesmo, um movimento do interior do sujeito para o exterior, fazendo com que o indivíduo impregne o espaço onde se encontra com elementos simbólico-nacionais que traz dentro de si, como por exemplo através de fotos de seu país e de pessoas de sua infância, brinquedos, roupas, aparência física, etc. Trata-se de uma espécie de “persuasão íntima” com o intuito de fazer com que o espaço exterior (incluindo as pessoas) se subordine ou se ache diminuído pelo poder que tem o nacionalismo contido na essência de um determinado indivíduo.

A convicção deve ser observada em duas dimensões, já que o comportamento

adotado pelo indivíduo que mora na Índia não se igualará às atitudes daquele que se encontra em situação de diáspora. Vejamos as diferenciações.

No primeiro caso, denominado aqui como nível interno, a posição de convicção é algumas vezes vista até como agressiva, e as críticas a outros países são várias, enaltecendo a origem e a tradição. É comum observarmos esse movimento em indivíduos que não se encontram fora de seu país de origem.

No segundo caso, ou nível externo, vemos que o indivíduo perde a noção de sua própria nacionalidade, não sabendo diferenciar se pertence mais ao Ocidente ou ao Oriente. A dissolução das barreiras geográficas e culturais acarreta uma mistura na própria essência do indivíduo e faz com que a convicção perca aspectos agressivos. Tal nível pode ser detectado em indivíduos que se encontram em diásporas, por exemplo.

Quando ocorre o movimento contrário, ou seja, de fora para dentro, denominamos de *imposição*, pois se dá de forma autoritária, onde a pressão de um poder externo (podendo ser político, social, econômico, etc.) colabora com a formação da idéia determinada de nação para uma comunidade. Segundo Hobsbawm (2004), a partir do século XX, os Estados perceberam o poder que o nacionalismo tinha para as comunidades, e utilizaram-no como manobra política.

Muitos governos passaram a adotar o nacionalismo como forma de manipulação de massas, e, como exemplo, aponta a maneira como as colônias foram massacradas, não apenas pelas armas, mas também pela força de uma cultura europeia colonizadora que se colocava como superior ao Terceiro Mundo². A própria Índia pode ser tomada como exemplo, já que, em meio a uma formação cultural pós-colonial, muitos autores viam na

² É importante assinalarmos que o teórico Ahmad discorda da denominação “Terceiro Mundo” para os países emergentes, já que ele foi cunhado pela primeira vez na França e, com conotação genuinamente política, sendo utilizado para falar da natureza insurgente do nacionalismo anticolonial, do movimento a favor do não-alinhamento, e da aspiração a um desenvolvimento relativamente independente nos países anteriormente colonizados.

Inglaterra uma salvação para a cultura indiana primitiva e sub-desenvolvida.³

Por último, o exercício do nacionalismo também pode se dar através da *sedução*, ou seja, os indivíduos criam uma determinada imagem de nação e sentem-se atraídos pela força com que ela se manifesta em seu imaginário. Sendo assim, seduzidos pela própria utopia, agem de acordo com o que seria o padrão do cidadão legítimo dentro de sua comunidade imaginária.

No que diz respeito à Índia, a complexidade do exercício da sedução vai além pois há uma espécie de mistura entre a espiritualidade e a materialidade. Chatterjee (1999) esclarece que o nacionalismo indiano nasceu no período colonial, caracterizando-se como contrário à colonização, e dividindo seu mundo das práticas sociais em dois: mundo material (economia, política, ciência, tecnologia, superioridade da Europa e ocidente, etc.) e mundo espiritual (o essencial da cultura, o que permaneceu inalterado diante do colonialismo):

By my reading, anticolonial nationalism creates its own domain of sovereignty within colonial society well before it begins its political battle with the imperial power. It does this by dividing the world of social institutions and practices into two domains – *the material and the spiritual*. The material is the domain of the ‘outside,’ of the economy and the statecraft, of science and technology, a domain where the West had proved its superiority and the East had succumbed. In this domain, then, Western superiority had to be acknowledge and its accomplishments

³ Segundo Vasconcelos: “Steel, Perrin e Kipling, por sua vez, assumiram a tarefa inversa, isto é, procuraram escrever a narrativa da Índia para traduzi-la para os ingleses, tratando de seus costumes e de seu povo e construindo uma Índia primitiva para não apenas assinalar a superioridade inglesa e o papel dos ingleses como portadores da civilização, mas justificar o projeto imperial britânico” (“O império sobre areia”, prefácio de FORSTER, E. M. *Uma passagem para a Índia* (trad. de Sônia Coutinho). Rio de Janeiro: Globo, 2005.)

carefully studied and replicated. The spiritual, on the other hand, is an *'inner' domain bearing the 'essential' marks of cultural identity*. The greater one's success in imitating Western skills in the material domain, therefore, the greater the need to preserve the distinctness of one's spiritual culture. This formula is, I think, a fundamental feature of anticolonial nationalisms in Asia and Africa (...) The colonial state, in other words, is kept out of the *'inner'* domain of national culture; but it is not though this so-called spiritual domain is left unchanged. (Chatterjee, 1999, p. 06, meus grifos)

Tal concepção dupla foi necessária para que o indiano pudesse se adaptar a um mundo que estava se abrindo, ao mesmo tempo em que conservava sua tradição. Trata-se de ver o mundo material a partir de uma ótica metafísica.

Independente da opção do conto por um determinado movimento nacionalista, a busca por uma saída/resolução das inter-relações culturais entre Ocidente e Oriente gera ambiguidade, refletindo o hibridismo cultural presente na Índia⁴, e é por isso que, apesar da separação, os campos da convicção, imposição e sedução interligam-se através dos próprios personagens Chekov e Zulu.

Observamos então que o que torna a Índia um país intrigante é o fato de que seus próprios indivíduos não conseguem simplificar a complexidade de sua identidade, tendo que dividi-la em duas – a interior e a exterior – para se adaptarem a um mundo globalizado que se abre diante de seus olhos.

A identidade interior corresponde aos elementos internalizados da cultura que o sujeito carrega dentro de si, e que já estão enraizados em seu modo de ser. Já a exterior

⁴ Talvez, uma das maiores representações desse hibridismo situe-se na hora da morte de Chekov quando, em um momento onde espera-se um delírio com elementos orientais/muçulmanos, em face do comportamento da personagem ao longo do conto, temos uma forte imagem ocidental da nave Star Trek.

corresponde a adaptação do sujeito na comunidade, a qual não faz parte de sua formação interna, mas é importante por constituir o espaço cultural no qual ele está inserido no presente momento (Bhabha, 1990). Dessa maneira, a dupla identidade é formada de forma a fazer o indivíduo lembrar-se de suas origens e de seu background, ao mesmo tempo em que se adapta e absorve novas experiências de novos lugares:

It is precisely in reading between these borderlines of the nationspace that we can see how the concept of the 'people' emerges within a range of discourses as a double narrative movement. The people are not simply historical events or parts of a patriotic body politic. They are also a complex rhetorical strategy of social reference: their claim to be representative provokes a crisis within the process of signification and discursive address (Bhabha, 1990, p.05).

É possível ver a formação da dupla identidade em Chekov e em Zulu: ambos guardam, dentro de si, suas experiências infantis em Dehra Dun (Índia), e suas raízes orientais, assim como compartilharam a mesma jornada profissional. Porém, o que os difere é que, enquanto Chekov intensifica a sua identidade interior por meio de diversos elementos espaciais e físicos (como por exemplo, o fato de ainda continuar ligado à Índia, apesar de ter uma casa na Inglaterra, suas roupas, seu cabelo, seu porte físico, etc.), Zulu deixa que sua identidade exterior se torne mais intensa, até por uma questão de “sobrevivência saudável”, já que mora com a sua esposa e filhos na cidade de Wembley, na Inglaterra, e tem que se adaptar.

Segundo Bhabha, o indivíduo imigrante somente emerge e assimila outra cultura a partir do momento em se afasta de sua origem. É por essa razão que Zulu muitas vezes é

considerado por Chekov um traidor de seu país e de seus costumes.

Percebemos então que, apesar da identidade interna e externa constituírem elementos diferentes, não entram em oposição: ambas definem o indivíduo, entretanto há sempre o predomínio de uma delas, que será delimitado pelo espaço onde o sujeito se encontra.

Quando Zulu se aproxima dos sikhs extremistas em decorrência de sua missão, sua identidade interna fala mais alto e cresce na medida em que suas origens são relembradas; é o flashback de sua infância que faz Zulu “olhar” de volta para o seu país. A partir do momento em que decide “externalizar” suas emoções, estas entram em contradição com o meio onde vive e ele se vê “arrastado” por sua origem. Paradoxalmente, portanto, Chekov e Zulu se separam no momento em que se descobrem mais iguais do que nunca: ambos colocaram a Índia como prioridade em suas vidas, em detrimento do ocidente.

Então, diante das relações de poder entre as personagens e o espaço geográfico, nos deparamos com a pergunta problema da pesquisa: “o que significa ser indiano na nação imaginária no período de sua modernidade tardia?” E mais: “como as personagens encontram uma saída nessas inter-relações culturais que se dá entre Oriente e Ocidente?”

De maneira geral, procuramos analisar o que o “não-pertencimento” de Rushdie nos permite dizer sobre o que significa ser indiano na contemporaneidade, retomando, assim, os primeiros passos do projeto.

CAPÍTULO I
A CONVICÇÃO

*“(...) A man must have a nationality
as he must have a nose and two ears”*

(Gellner apud Hall, 1992, p. 292)

Caracterizada como uma crença ou opinião firme a respeito de algo, com base em provas ou razões íntimas (Houaiss, 2001), a convicção estabelece uma importante conexão com o termo “*self assertion*”, utilizado pelo teórico Cornell West para descrever o ato de alguém colocar suas idéias e opiniões em primeiro lugar, demonstrando plena certeza em suas convicções (“*Restoring Hope*”, 1993).

De acordo com leituras realizadas acerca das afirmações de West, “*self-assertion*” vai além do sentimento de reafirmação do indivíduo orgulho por sua região; trata-se de uma possibilidade de uma vida feliz e realizada, através do estabelecimento da completa harmonia entre indivíduos e seu país, seja em termos políticos, sociais, ou econômicos. Tal harmonização, por sua vez, apenas seria concretizada quando as pessoas percebessem a

necessidade de servir umas as outras, uma vez que a solidariedade seria o melhor caminho para a criação de um país justo e democrático; West diz:

The country is in deep trouble. We've forgotten that a rich life consists fundamentally of serving others, trying to leave the world a little better than you found it. We need the courage to question the powers that be, the courage to be impatient with evil and patient with people, the courage to fight for social justice. In many instances we will be stepping out on nothing, and just hoping to land on something. But that's the struggle. To live is to wrestle with despair, yet never allow despair to have the last word. (“Prisoners of Hope”, disponível em: <http://www.commondreams.org/views05/0111-35.htm>)

Dessa forma, o sentimento de “self-assertion” seria praticamente equivalente ao amor que a sociedade sente (ou deveria sentir) por seu país⁵; consequentemente, é importante a presença de cidadãos que estejam aptos a re-imaginar e re-construir sua comunidade, quantas vezes forem necessárias. Tomando a América como exemplo, West constata que “America - this monument to the genius of ordinary men and women, this place where hope becomes capacity, this long, halting turn of 'no' into the 'yes' - needs citizens who love it enough to re-imagine and re-make it.” (Unger & West, *The Future of American Progressivism*, 1998, p. 93); em outras palavras: a auto-afirmação de um indivíduo é resultado dos esforços que ele mesmo produz para melhorar seu país.

A definição de “self-assertion” habita dois campos na mente humana: o

⁵ Apesar de se situarem em instâncias diferentes, West traduz o sentimento de orgulho por um país como amor: “to accept your country without betraying it, you must love it for that which shows what it might become” (op. cit.)

inconsciente, uma vez que faz parte dos sentimentos mais naturais e instintivos dos homens; e o consciente, já que, sentindo orgulho de seu território, o indivíduo comporta-se de maneira confiante, como se sua comunidade fosse o centro do mundo: “o etnocentrismo é, de fato, um fenômeno universal. É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão. As autodeterminações de cada grupo refletem esse ponto de vista.” (Laraia, 2001, p. 76).

No presente trabalho, o sentimento de orgulho será traduzido como “convicção”: uma persuasão íntima, através da qual cada indivíduo busca convencer o outro de suas verdades e idéias; não é a toa que “convicção” e “convencer” possuem a mesma raiz latina: *convictione*, para o substantivo; *convincere*, para o verbo. É, talvez, por tal razão que o termo convicção vem constantemente acompanhado de vocábulos como “agressividade” e “hostilidade”⁶.

É claro que, em relação ao nacionalismo, a questão da convicção é extremamente complexa, pois, não se tratando apenas de uma auto-afirmação, o sentimento que vem de dentro para fora é capaz de impulsionar uma comunidade inteira contra uma possível força controladora estrangeira, como foi o caso da Índia durante o século XX, onde se destacam as lutas em prol da independência. Gandhi conseguiu mobilizar praticamente toda a nação indiana para um mesmo objetivo: a liberdade da sociedade (*swaraj*), através da política de defesa de interesses por meios não-violentos (*ahimsa*).

Talvez uma das ações mais surpreendentes do líder da independência foi a obtenção da colaboração tanto de indianos, quanto de muçulmanos, já que, em 1916, a Liga Muçulmana aceitou assinar um acordo (chamado de Tratado de Lucknow), com o Partido do Congresso Indiano, a fim da soma de esforços para a independência⁷. Sobre

⁶ Não somente “convicção”, mas também o termo “self assertion” vem acompanhado dos mesmos termos. A pesquisa sobre as definições se deu nos maiores dicionários da língua portuguesa (Aurélio e Houaiss) e inglesa (Longman, Oxford, Cambridge)

⁷ Tal acordo abriu caminho para que, mais tarde, em 1920, o Movimento do Califado dos muçulmanos se unisse ao movimento de não-cooperação de Gandhi.

esse tema, Gandhi expõe suas idéias em *Hind Swaraj* (1908), onde critica a idéia de “civilização” advinda do pensamento europeu que não se enquadra nos costumes da Índia: “Societies have been formed to cure the nation of the evils of civilization. A great English writer has written a work called ‘Civilization: Its Cause and Cure’. Therein he has called it a disease” (p. 26).

De maneira geral, a proposta de Gandhi é a de que o povo indiano esqueça a modernidade trazida pelos ingleses, e se entranhe em sua própria cultura, de forma que conheça sua tradição e suas mais diferentes línguas, religiões, regiões, etc. Assim, afirma a superioridade da Índia em detrimento da Inglaterra, destacando o potencial do país em ser uma “unidade dividida”, pois, apesar de constituírem como uma comunidade, cada coração carrega sua própria nação:

(...) It is submitted that our leading men travelled throughout India either on foot or in bullockcarts. They learned one another’s languages and there was no aloofness between them. What do you think could have been the intention of those farseeing ancestors of ours who established Setubandha (Rameshwar) in the South, Jagannath in the East and Hardwar in the North as places of pilgrimage? You will admit they were no fools. They knew that worship of God could have been performed just as well at home. They taught us that those whose hearts were aglow with righteousness had the Ganges in their own homes. But they saw that *India was one undivided land so made by nature*. They, therefore, argued that it must be one nation. Arguing thus, they established holy places in various parts of India, and fired the people with an idea of nationality in a manner unknown in other

parts of the world. And *we Indians are one as no two Englishmen are. Only you and I and others who consider ourselves civilized and superior persons imagine that we are many nations.* (Gandhi, 1908, p. 33, meus grifos)

Obviamente, a harmonia entre muçulmanos e hinduístas não continuou por muito tempo: os ânimos da sociedade se exaltaram quando o poder ia ser transferido da mão dos ingleses para outro grupo. Além da constante desconfiança entre ambos os grupos religiosos (que não deixou de existir nem mesmo entre o período de estabelecimento de tratados e acordos), a excitação da liderança fez com que se iniciassem matanças entre os seguidores das fés rivais; todos almejavam a administração política. Contudo, de certa maneira, o objetivo de Gandhi de fazer com que os indianos se reconheçam como “pertencentes a uma mesma nacionalidade” prosperou, pois, de fato, a Índia conseguiu se tornar independente com a ajuda de seus milhões de habitantes.

O que vemos aqui, portanto, é o intuito de uma construção de um sentimento em comum entre todos os indianos, independente de sua casta, língua ou religião, mesmo que seja momentâneo. Dessa forma, a convicção de Gandhi persuadiu positivamente outros indivíduos, despertando a mesma autoconfiança interna, em corações de culturas diferentes.

Há, porém, outra dimensão de convicção: aquela que desperta no indivíduo que está em outro território que não o seu de origem, como é o caso das comunidades em situação de diáspora. É importante observarmos, primeiramente, os fatores que levaram escritores e intelectuais (entre eles, Salman Rushdie) a saírem da Índia e se instalarem em outros países da Europa e América do Norte.

As razões do surgimento de uma diáspora envolvem quase que por completo a

problemática do desconforto econômico, político, cultural com a comunidade de origem (Hall, 1997). As novas diásporas, ocorridas no período pós-colonial, envolveram a questão da saída dos escritores de seu lugar de origem para comunidades distintas, sendo, então, obrigados a circular entre dois mundos ao mesmo tempo. Por conseguinte, o indivíduo membro de uma diáspora será visto e compreendido pela ausência de nação, e, conseqüentemente, de identidade (Bhabha, 1990).

Gellner (*apud* Hall, 1992) afirma que, no mundo moderno, onde o homem identifica seu grupo social, seu estado, e sua nação, como sendo partes de si mesmo (“we think of them [society, group, class, state, nation] as if they are part of our essential natures”), a idéia do homem sem nação causa grande desconforto na imaginação:

(...) A man must have a nationality as he must have a nose and two ears. All this seems obvious, though, alas, it is not true. But that it should have come to seem so very obviously true is indeed an aspect, perhaps the very core, of the problem of nationalism. Having a nation is not an inherent attribute of humanity, but it has now come to appear as such. (1983, p. 06, *apud* Hall, 1992, p. 292)

Sendo assim, a diáspora se apresenta como um elemento totalmente contrário a idéia de estado-nação, uma vez que a idéia de uma tradicional sociedade homogênea é substituída pela presença de grupos híbridos, sem “raízes” geográficas definidas, mas que, mesmo assim, mantém uma singular identidade: “It may be tempting to think of identity in the age of globalization as destined to end up in one place or another: either returning to its 'roots' or disappearing through assimilation and homogenization. But this may be a false dilemma” (*op. cit.*, p. 310)

No que diz respeito particularmente à Índia, devido ao abismo cultural existente,

a dificuldade encontrada pelos escritores é ainda maior. Indivíduos como Rushdie, são obrigados a aprender como habitar, no mínimo, “duas entidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos novos diversos tipos de identidade distintivamente produzidos na era da modernidade tardia” (Hall, p. 89).

Nas produções de autores indianos na diáspora encontraremos a presença da ambivalência e das intersecções de tempo e lugar que constituem a problemática do mundo moderno. O próprio Rushdie teve a oportunidade de morar em outros países (tais como Inglaterra e Estados Unidos), podendo observar sua própria cultura a partir de outro prisma; segundo declarações do autor, foi preciso afastar-se da Índia para poder observá-la de fato, como ela é.

Mantendo grandes laços com a Inglaterra, ao mesmo tempo em que conservava sua origem indiana, Rushdie optou assumir seu hibridismo como uma poderosa força criativa. Em *Versos Satânicos*, o conflito da identidade do homem islâmico no mundo globalizado torna-se uma defesa do caráter plural do ser humano:

Standing at the centre of the novel is a group of characters most of whom are British Muslims, or not particularly religious persons of Muslim background, struggling with just the sort of great problems that have arisen to surround the book, problems of hybridization and ghettoization, of reconciling the old and the new. Those who oppose the novel most vociferously today are of the opinion that intermingling with a different culture will inevitably weaken and ruin their own. I am of the opposite opinion. *The Satanic Verses* celebrates hybridity, impurity, intermingling, the transformation that comes of new and unexpected combinations of human beings,

cultures, ideas, politics, movies, songs. It rejoices in mongrelization and fears the absolutism of the Pure. *Mélange*, hotchpotch, a bit of this and a bit of that is *how newness enters the world*. It is the great possibility that mass migration gives the world, and I have tried to embrace it. *The Satanic Verses* is for change-by-fusion, change-by-conjoining. It is a love-song to our mongrel selves. (Rushdie, 1991, p. 394)

A idéia do hibridismo como condição natural do ser humano não é apenas defendida na literatura. Intelectuais pós-modernistas defendem a idéia de que, em uma era onde as nações são compostas por diferentes culturas (ou ao método “pastiche”, como diria Jameson, 1991), não há como evitar que o indivíduo moderno apreenda diferentes culturas. Sobre isso, Bhabha argumenta que é necessário tempo e enfraquecimento do lugar de origem para um enquadramento do lugar de “chegada”, possibilitando a imersão total em outra cultura: “their metaphoric movement requires a kind of ‘doubleness’ in writing” (1990, p. 05), já que o espaço da nação moderna é caracterizado principalmente por seu multi-culturalismo. De acordo com o pensamento de Bhabha, a divulgação da idéia tradicional de que apenas povos homogêneos e unificados possuem uma verdadeira identidade nacional, atrapalha no estabelecimento de relações entre os povos.

Diante dessa situação, onde o hibridismo faz parte, não apenas da realidade da diáspora, mas de qualquer comunidade mundial, como é possível uma afirmação interna de nação, se subtende sua eliminação para que um indivíduo se adapte a um novo ambiente? Para responder à questão, recorreremos às personagens do conto Chekov e Zulu, tendo em vista que suas convicções são demonstradas de maneiras diversas: enquanto um rejeita a cultura inglesa e enaltece sua origem, outro se encaixa em seus costumes, conseguindo, até certo ponto, conciliar seu passado e seu presente.

Envolto em um universo Star Trek que contém fortes elementos de espionagem, o conto “Chekov and Zulu” narra o momento em que dois amigos diplomatas que não se viam há anos, se reencontram para uma missão em comum: descobrir quem são os mandantes do assassinato da então a primeira ministra indiana Indira Gandhi.

Durante o conto, não chegamos a conhecer os nomes dos personagens principais, mas apenas seus apelidos: Chekov (representante do governo indiano, e responsável por estabelecer relações com outros países); e Zulu (responsável por espionar grupos sikhs na Inglaterra e detectar uma possível relação destes com o assassinato). O que mais nos chama a atenção é a maneira com que os personagens lidam com suas identidades, uma vez que a nação exerce grande influência na composição de Chekov e Zulu, bem como nas suas atitudes.

Segundo Cândia (2007), se utilizando da nomenclatura de E.M. Forster, (1927), há uma seleção de características realizadas com base a formar uma personagem “plana” (“flat”, psicologicamente mais simples) ou uma personagem “esférica” (“round”, mais complexas). Tanto Chekov quanto Zulu são personagens esféricas, porém, em cada um a complexidade se apresentará de forma distinta: para Chekov, *há uma injustiça social que sempre esteve presente* (já que a situação econômica da Inglaterra é visivelmente superior a da Índia), e sua posição como diplomata colabora para que ele “divulgue” sua visão mais tradicionalista pelo mundo. Procura se afirmar como um indiano a partir da visão do outro, construindo sua essência em seu modo de vestir, de portar-se, nas falas, etc.:

Chekov at thirty three was a small, slim, dapper man in grey flannels, stiff-collared shirt and a Double-breasted navy blue blazer with brass buttons. He had bat’s wings eyebrows and a prominent and pugnacious jaw, so that his cultivated tones and habitual soft-spokenness came as something of a surprise, disarming those who

had been led by the eyebrows and chin to expect an altogether more aggressive personality. (p. 154)

Ao que parece, Chekov procura exteriorizar aquilo que está em sua essência, realizando tal ação de forma hiperbolicamente agressiva, uma vez que suas roupas, suas atitudes, e suas críticas contra a Europa não condizem com seus objetivos de firmar ligações com os embaixadores e políticos ingleses. Em uma passagem do conto a oposição fica clara: sentado em seu navio, tomando champanhe, Chekov passa horas reclamando e refletindo sobre a pobreza de seu país:

Chekov and Zulu went boating in the Serpentine, and Chekov got back on his hobby-horse. ‘They have stolen us,’ he said, reclining boated and champagned on striped cushions while mighty Zulu rowed. ‘And now we are stealing ourselves back. It is an Elgin marbles situation.’ (p. 157)

Já Zulu adota, desde o começo, uma posição mais conformista com a situação e, até certo ponto, acredita que o assassinato de Indira tenha sido provocado pelos sikhs, já que colabora com a missão de infiltrar-se entre os membros sikhistas mais extremistas para descobrir alguma relação entre estes e o assassinato. Porém, ao perceber que o governo indiano não se incomodará, nem tentará impedir as revoltas contra os sikhs, nota que *há uma injustiça que nunca esteve tão clara, pelo menos aos seus olhos*, desiste da sua profissão, e é absorvido de vez por sua cultura, apesar das insistências de Chekov para que permaneça em seu lugar atual, como diplomata.

Vemos então que Chekov e Zulu representam os dois níveis de convicção: Zulu

situa-se no nível externo, pertencendo ao grupo dos indivíduos na diáspora que precisam escolher sempre entre sua cultura e a outra em que estão inseridos; Chekov pertence ao nível interno, pois o fato de ser de origem indiana permite que se posicione como “indivíduo diferente dos ingleses”, apesar de almejar estabelecer relações sociais com os europeus em prol de seu trabalho como diplomata. A passagem abaixo deixa claro o ressentimento que Chekov sente pela Inglaterra:

‘God, I love London! Theatre, ballet, opera, restaurants! The Pavilion at Lord’s on the Saturday of the Test Match! The royal ducks on the royal pond in royal St. James’s Park! Decent tailors, a decent mixed grill when you want it, decent magazines to read! I see the remnants of greatness and I don’t mind telling you I am impressed. The Athenaeum, Buck House, the lions in Trafalgar Square. Damn impressive. I went to a meeting with the junior Minister at the F. & C.O. and realized I was in the old India office. All that John Company black teak, those tuskers rampant on the old bookcases. Gave me quiet a turn. I applaud them for their success: hurrah! But then I look at my own home, and I see that it has been plundered by burglass. I can’t deny there is a residue of distress’

‘I am sorry to hear of your loss,’ Zulu said, knitting his brows. ‘But surely the culpables are not in the vicinity.’

‘Zulu, Zulu, a figure of speech, my simpleton warrior prince. Their museums are full of our treasures, I meant. Their fortunes and cities, built on the loot they took. So on, so forth. One forgives, of course; that is our national nature. One need not forget’ (pp. 155 – 156)

Chekov tenta explicar a generalização que faz, alegando que todos os ingleses são criminosos, pois, de uma forma ou outra, ajudaram a roubar as riquezas indianas. Aliás, é com essa mesma postura que Chekov se comporta em um jantar que resolve dar em sua casa para embaixadores. Em um dado momento, realiza um discurso polêmico sobre o fato de que a Inglaterra foi o melhor berço para o surgimento de terroristas indianos, pois incitou neles um sentimento de nação que estava “adormecido”:

The evening went off well. Over brandy, Chekov even dared to introduce a blacker note: ‘England has always been a breeding ground for our revolutionists,’ he said. ‘What would Pandit Nehru hve been eithout Harrow? Or Gandhiji without his formative experiences here? Even the Pakistan idea was dreamt up by young radicals at college in what we then were asked to think of as Mother Country. Now that England’s status has declined, I suppose it is logical that the quality of the revolucionists she breed has likewise fallen. The Kashmirs! Not a hope in hell. And as for these Khalistan types, let them not think that their evil deed has brought heir dream a day closer. On the contrary. On the contrary. We will root them out and smash to – what’s the right word? – the smithereens.’ (p. 164)

Sua atitude conservadora nos lembra outros personagens do livro, principalmente de contos pertencentes à parte denominada “East”. Entre eles, destacamos Muhammad Ali (“Good Advice is Rarer than Rubies”), que, durante todo o conto, tenta abrir os olhos da jovem Rehana que pretende conseguir visto para viajar da Índia para a Inglaterra, com o

intuito de conhecer o marido que sua família havia lhe arranjado. Ali expõe durante boa parte do conto o tormento que é uma entrevista no Consulado Britânico, chegando até a argumentar que, se a moça decidir ir até o final para conseguir passaporte para a Inglaterra, e não aceitar as “facilitações” na documentação propostas por ele, poderá perder sua dignidade:

‘Bibi, I am a poor fellow and I have offered this prize because you are so beautiful. Do not spit on my generosity. Take the thing. Or else don’t take, go home, forget England, only do not go into that building and lose your dignity’ (p. 12)

Apesar de demonstrar tanta compaixão por Rehana e por seu país, quando a moça não aceita sua ajuda, e prefere conseguir sozinha, Muhammad explode e acusa os indianos de serem ignorantes: “‘It is the curse of our people,’ he yelled. ‘We are poor, we are ignorant, and we completely refuse to learn.’” (p. 12).

A mesma atitude tradicional pode ser vista no narrador de “The Free Radio”, um professor que tenta afastar uma viúva de seu aluno mais jovem e com menos experiência de vida⁸. Na passagem que segue, em uma conversa com a viúva, o narrador pede que ela se afaste do jovem, caso contrário, arruinará a vida dele:

‘I have to say this thing only,’ I told her with dignity. ‘Ramani the rickshaw boy is dear to me, and you must find some person of your

⁸ As viúvas na Índia carregam um fardo doloroso, pois, não tendo mais o marido como fonte de sustento, perdem dinheiro e propriedade, e são consideradas um peso para a família. Muitas mulheres preferem morar nas chamadas “Casas de Viúvas”, que nada mais são do que velhos prédios desmoronados. Para obter a “purificação” de sua alma, a viúva precisa deixar de ter qualquer tipo de contato com os prazeres da vida, e viver em sofrimento absoluto. Muitas viúvas preferem queimar vivas no mesmo fogo que consumirá o corpo de seus maridos mortos, num ato de busca da purificação da alma.

own age, or, better still, go to the widows' ashrams in Benares and spend the rest of your life there in holy prayer, thanking God that widow-burning is now illegal.' (p. 23)

Assim como o narrador de "The free radio", Chekov procura manter-se ao lado do tradicionalismo e da preservação dos valores indianos. Por outro lado, Zulu, a se mantém na posição intermediária: não esquece seu passado, pois constantemente lembra-se de sua infância, mas tem consciência de que precisa se adaptar à Inglaterra, pois lá fixou residência; seus argumentos não são tão agressivos quanto os de Chekov, e, por vezes, tenta acalmar o amigo, sob a alegação de que "the colonial period is a closed book" (p. 157). Em um dado momento, quando Chekov argumenta que sua característica agressiva permitiria que ele fosse um melhor terrorista do que um diplomata, Zulu diz: "But then we would have been enemies, on opposite sides (...) do you care nothing for our friendship? For my responsibilities in life?" (p. 157)

Diferentemente de Chekov, Zulu não expõe na aparência sua nacionalidade e suas características físicas são bem mais moderadas – não tem as sobrancelhas grossas nem a agressividade do amigo –, ao mesmo tempo em que precisa inserir-se no grupo dos sihks para completar sua missão de observá-los. Zulu permanece praticamente durante todo o conto sem apontar para uma nacionalidade propriamente dita, como se tanto Inglaterra quanto Índia fizessem parte de sua essência. Nesse ponto, Zulu liga-se, portanto, ao último conto do livro "The Courter", no qual o narrador, após sair de seu país para morar na Inglaterra, percebe que tudo em sua volta clama para que escolha um lado. Ao final, dividido entre o país que o acolheu e o país que o originou, opta por não escolher nenhum dos lados:

I became a British citizen that year. I was one of the lucky ones, I guess, because in spite of that chess game I had the Dodo on my side. And the passport did, in many ways, set me free. It allowed me to come and go, to make choices that were not the ones that my father would have wished. But I, too, have ropes around my neck, I have them to this day, pulling me this side and that, East and West, the nooses tightening, commanding, choose, choose.

I buck, I snort, I whinny, I rear, I kick. Ropes, I do not choose between you. Lassoos, lariats, I choose neither of you, and both. Do you hear? I refuse to choose. (p. 211)

Assim como o narrador de “The Courter”, ao optar por não optar, Zulu torna-se uma espécie de intermediário entre duas culturas, como podemos ver na própria construção cenográfica de sua casa, que mistura elementos típicos da cultura indiana (como o retrato de Indira Gandhi, as flores, etc.) com figuras de ação do ocidente (simbolizado pelos bonecos Star Trek), que marcam a primeira cena do conto, nos levando a caracterizar Zulu como alguém oscilante e, até certo ponto, de dupla personalidade (se comparado à Chekov, que grita aos quatro ventos, de forma segura, que seu trabalho de vida é servir à Índia).

Qual não é a surpresa do leitor quando se depara com um Zulu atlético, objetivo, e que traz Chekov de volta ao mundo todas as vezes que este se esquece de que sua posição como diplomata não permite tais comentários a respeito da Inglaterra! Zulu é mais forte fisicamente, tem uma estrutura familiar sólida (pai de quatro meninos e uma esposa que o respeita), e suas idéias são fixas, mesmo quando muda o rumo de sua vida, e permite que sua interioridade indiana transborde, de maneira que se junta permanentemente aos sikhs:

Assembled on the top of the television and on shelf units around it was the missing man's collection of Star Trek memorabilia: Captain Kirk and Spock dolls, spaceship models – a Klingon Bird of Prey, a Romulan Vessel, a space nation, and of course the Starship Enterprise. In pride of place were large figures of two of the serie's supporting cast. (...)

On the wall behind the TV was a framed photograph of Indira Gandhi, with a garland hung around it. She had been dead since Wednesday. Pictures of her cremation had been on the TV for hours. The flower-petals, the garish, unbearable flames. (pp. 150 – 151)

Rushdie insiste na questão de Zulu chamar muito mais atenção por seus aspectos físicos, em comparação a Chekov, como podemos ver abaixo:

The day Indira Gandhi was murdered by her Sikh bodyguards, Zulu and Chekov played squash in a private court in St John's Wood. In the locker-room after showering, prematurely-greying Chekov still panted heavily with a towel round his softening waist, reluctant to expose his exhaustion-shrivelled purple penis to view; Zulu stood proudly naked, thick-cocked, tossing his fine head of long black hair, caressing and combing it with womanly sensuality, and at last twisting it swiftly into a knot. (p. 158)

Enfim, o que temos no conto é a exemplificação de duas dimensões de convicção: a

interna, exemplificada por Chekov, que se torna forte e, até certo ponto, agressiva (considerando que o indivíduo se encontra em seu país de origem, e tem sua nacionalidade bem delimitada), mas que precisa ser reafirmada através de aspectos exteriores; e a externa, de Zulu, que diminui-se para dar lugar a uma nova cultura, fazendo com que a mistura traga reflexão sobre sua condição, de forma que uma delimitação de nacionalidades e fronteiras seria impossível; é por isso que Zulu opta pela neutralidade das nacionalidades.

Contudo, é importante lembrar que, apesar das grandes diferenças, há uma zona de intersecção entre Chekov e Zulu: a preferência pelos apelidos, em detrimento dos nomes. Sempre que estão aptos a se desentenderem, a retomada dos apelidos faz com que Chekov e Zulu esqueçam as diferenças e coloquem-se no mesmo patamar, mesmo que por pouco tempo.

Em uma viagem à casa de Zulu, enquanto conversa com sua esposa, Chekov explica a simbólica importância dos apelidos escolhidos do seriado Star Trek: “See there, our alter egos standing on your TV, the Asiatic-looking Russky and the Chink. Not the leaders, as you’ll appreciate, but the ultimate professional servant... We do not lead, but we enable” (p. 151). A afirmação de Chekov exemplifica o legado deixado pela colonização do ocidente: o papel do colonizado é o de servo que deve satisfazer as vontades dos europeus. É nesse momento que nos damos conta de que a convicção, sendo ela interna ou externa, contaminou-se com outro exercício de nacionalismo já adiantado na introdução: a imposição.

CAPÍTULO II

A IMPOSIÇÃO

Vocês podem me acorrentar; me torturar; podem até mesmo destruir meu corpo, mas nunca irão aprisionar a minha mente

(Gandhi, Hind Swaraj, 1938)

We are servants also, you see (...). Never more important than in moment like the present sad crisis, when an event keel must be maintained, jalebis must be served, tea poured, no matter what.

We do not lead, but we enable.”

(“Chekov and Zulu”, p. 151)

Quando pensamos nas causas que levaram Índia ou qualquer outra nação da Ásia ou África a se tornar economicamente frágil (salvo algumas exceções, como o Japão), a palavra neocolonialismo surge de maneira incrivelmente automática. Do ponto de vista

cultural, os danos foram igualmente catastróficos: obrigados à condição baixa de cidadãos “terceiromundistas”, milhares de indivíduos foram humilhados por soldados europeus em decorrência de sua cor, religião, costumes, etc.

Em *Nationalism and Cultural Practice in the Postcolonial World* (1999), Neil Lazarus, representando uma corrente de pensamento neo-marxista européia, dizia, citando Tim Brennan, que a Europa sofre de um “conveniente lapso de memória”, tendo-se esquecido que o nacionalismo imperial europeu está na base de um empreendimento “tipicamente apropriativo de terras, pessoas e recursos”, continuando a ser, conseqüentemente, causa original e determinante do subdesenvolvimento de regiões da América Latina, e, principalmente, do Oriente. Lazarus diz:

The contemporary studies and reports that classify and deplore the adamantine ‘persistence’ or volcanic ‘ressurgence’ of nationalism in Algeria or Serbia or Georgia or Afghanistan tend to be premised upon an expedient naturalization of the trajectories of nationalism in the metropolitan West. In what Tim Brennan terms ‘a convenient European lapse of memory,’ ‘our’ nationalisms – to the extent they become visible at all as objects of inquiry – are typically classed as finished projects and are taken to have had benign effects: modernizing, unifying, democratizing. ‘Their’ supposedly still unfolding nationalisms, on the other hand, are categorized under the rubrics of atavism, anarchy, irrationality, and power-mongering. Nationalism in the East and South is centrally on the research agenda today, in short, for the basically strategic reason that it is taken to pose a danger to the established social order of the West (op. cit., p. 69).

Então, constituindo-se basicamente, de Estados eminentemente multi-étnicos, o Oriente ficou marcado pela dominação pela “raça” estrangeira e minoritária sobre a população nativa e mestiça majoritária. Diante de tal fato, a questão do nacionalismo se tornaria ainda mais complexa.

A partir do século XVIII a nação passa a adquirir um potencial de mobilização e dominação gigantesco. Inicialmente na Europa, e posteriormente nos demais continentes, os movimentos nacionalistas despontam como forças políticas de profundo alcance e relevância por todo o globo. Inclusive, no continente europeu é possível observar mais claramente a emergência de Estados cuja legitimidade passa a relacionar-se mais com a idéia de nacionalidade do que com a idéia de tradições, própria dos períodos anteriores. Desde então, o nacionalismo impôs-se como doutrina primordial através da qual os indivíduos interessados em construir um Estado soberano encontram os preceitos e justificativas mais poderosos para auxiliá-los em tal empreitada (Hobsbawm, 1997).

Em *Comunidades Imaginadas* Anderson procura mostrar como as próprias instituições políticas recém-criadas, que se apoiavam muito na estrutura administrativa antes estabelecida pela metrópole, eram capazes de forjar o sentimento de solidariedade política necessário para a sobrevivência do Estado, além do vínculo de pertença comunal tão comum aos demais Estados-Nação. Apesar de constituírem estudos diferentes, Hobsbawm e Anderson têm seus conceitos ligados pela definição de nacionalismo como ferramenta de dominação de um Estado poderoso.

Em 1908, Gandhi propõe uma retomada reflexiva do problema, uma vez que o obstáculo maior estaria em vencer a dominação já enraizada na consciência do colono, como se os colonizadores tivessem finalmente convencido os indivíduos de que a neocolonização é um produto da suposta superioridade européia.

A partir do século XX começou a surgir uma série de estudos sobre a força que o

nacionalismo trazia para as grandes nações, e de que maneira ele poderia ser uma ferramenta para a dominação das colônias. Entre os estudiosos, destacamos Hobsbawm que em seu livro *Nations and Nationalism since 1780: programme, myth, reality* (1990) define a idéia de nação como algo construído em prol de interesses particulares, mas infrutífera, pois o autor descrê na imposição de valores por meio da força, como podemos ver nos trechos de uma entrevista concedida pelo autor ao jornal *Folha de São Paulo* (30 de setembro de 2007):

Sempre foi um pesadelo quando se fez uso de poder militar para exportar valores. As idéias podem viajar, mas não a bordo de tanques. Os ideais da Revolução Francesa se espalharam pela Espanha, pela América Latina e causaram grandes transformações políticas. Mas, quando a França quis exportar suas instituições à força, não teve sucesso. Quando uma intervenção não conta com certo consenso local, tende a fracassar. A idéia por trás de certo imperialismo dos direitos humanos era de que regimes tirânicos seriam tão imunes a influências externas que precisariam ser removidos pela força. Mas trata-se de uma concepção antiga, de um mundo pré-1989.

Aliás, especificamente sobre a Inglaterra e a soberania que esta conquistou durante os séculos XIX e XX, Hobsbawm ainda arremata:

Não acho que exista hoje, como nunca existiu, espaço para um único império no planeta. Mesmo o Império Romano, à sua época, não era o único e sabia disso. Havia o persa, o chinês. Brevemente,

no século 19, pode ter parecido possível, por razões tecnológicas, que parte do mundo respondesse a um país, como foi o caso do Reino Unido. Mas a Inglaterra nunca quis tentar exercer todo esse poder. A política do Império Britânico era apenas a de seguir a lógica e os interesses de sua economia. Por um breve momento, realmente controlou boa parte do planeta. Mas tampouco houve um grande inimigo. Acho que o mundo continuará a ser plural, com algumas unidades políticas que serão mais poderosas que as outras. Mas não haverá um único império. (entrevista a *Folha de São Paulo*, 30/09/2007)

Apesar dos fatos e das constantes afirmações de teóricos de que não há superioridade econômica que dure para sempre, a realidade na consciência dos neocolonizados é outra, que, aliás, pode ser bem verificada através do conto de Rushdie.

No capítulo anterior pudemos verificar como os dois níveis de convicção são trabalhados no conto. Nesse capítulo veremos como tal convicção, ao contrário do imaginado, não é construída unicamente a partir de elementos de nossa cultura, mas também de aspectos exteriores que se sobrepuseram de maneira tão violenta que dissolvem as barreiras entre o que é tradicionalmente nosso e o que nos foi imposto.

Durante as primeiras páginas do conto, Chekov se auto-intitula como legítimo indiano, por servir a seu país e não se contaminar com nenhuma outra cultura advinda do ocidente. Por isso, como enfatizamos anteriormente, para causar tal impressão, demonstra através de suas roupas, corte de cabelo, discurso, religião, etc., tudo aquilo que, teoricamente, está em sua essência.

'Wear the name with pride, begum sahib. We're old comrades-in-

arms, your husband and I; since boyhood days, perhaps he was good enough to mention? Intrepid diplomats. Our umpteen-year mission to explore new worlds and new civilizations. See there, our alter egos standing on your TV, the Asiatic-looking Russky and the Chink. *Not the leaders, as you'll appreciate, but the ultimate professional servants.* 'Course laid in!' 'Hailing frequencies open!' 'Warp factor three!' What would that strutting Captain have been without his top-level staffers? Likewise with the good ship Hindustan. *We are servants also, you see, just like your fierce Jaisingh here.* Never more important than in moment like the present sad crisis, when an event keel must be maintained, jalebis must be served, tea poured, no matter what. *We do not lead, but we enable.* Without us, no course can be laid, no hailing frequency opened. No factors can be warped. (p. 151)

O sentimento de orgulho que Chekov demonstra em ser o "ultimate professional servant" permite que os líderes completem sua tarefa de colonização: invadir as mentes dos colonizados e inculcar nelas o poder do Ocidente. O próprio Gandhi compreende que, para que os indianos possam vencer os britânicos, é necessário vencer a dominação que está na própria consciência da sociedade da Índia.

Apesar de estar ciente da problemática entre Ocidente e Oriente, e de quanto a Índia foi prejudicada durante a colonização, Chekov opta por se engajar sócio-economicamente na estrutura que beneficia o ocidente em detrimento das colônias. Com o passar da história, Chekov continua jantando com os embaixadores e personalidades políticas, objetivando a ascendência social que tais contatos poderiam lhe trazer. Ao final do conto, ele finalmente consegue se inserir como membro do comitê de Mr. Rajiv.

A idéia de inferioridade e menosprezo também aparece em algumas passagens do

conto “At the Auction of the Ruby Slippers”, na parte West do livro, onde o narrador, observando a distância vários personagens do imaginário Ocidental, percebe como eles são colocados em um patamar inalcançável, enquanto o “público” é rebaixado cada vez mais:

We, the public, are easily, lethally offended. We have come to think of taking offence as a fundamental right. We value very little more highly than our rage, which gives us, in our opinion, the moral high ground. From this high ground we can shoot down at our enemies and inflict heavy fatalities. We take pride in our short fuses. Our anger elevates, transcendent. (pp. 89 – 90).

O narrador não abandona sua posição de crítico dos costumes ocidentais, ao mesmo tempo em que reconhece sua inferioridade frente aos europeus, por exemplo. No último parágrafo, é clara a menção à desumanização provocada pelos costumes ocidentais que coloca homens, mulheres, crianças, cachorros, e gatos em um mesmo nível: “Thanks to the infinity bounty of the Auctioners, any of us, cat, dog, man, woman, child, can be a blue-blood; can be – as we long to be; and as cowering in our shelts, we fear we are not – *somebody*” (p. 103)

A submissão de Chekov pode também ser encontrada em outros contos, como por exemplo “Christopher Columbus and the Queen Isabella of Spain Consummate their Relationship (Santa Fé, AD 1492)”, que se encontra na parte West do livro. Nele, a figura de Cristóvão Colombo é colocada de maneira totalmente submissa a Rainha Isabella, a qual, por sua vez, não o vê mais do que um estrangeiro rude e desengonçado. Colombo passa as noites sonhando com o dia em que poderá consumir o seu amor, mas, ao mesmo tempo, reconhece que a figura da rainha é inalcançável. O conto é marcado também por

uma espécie de diálogo entre duas pessoas sem identificação clara, que possuem opiniões diferentes: enquanto um reconhece a importância de Colombo para sua comunidade, o outro não o suporta, relegando-o a posição de “estrangeiro que não se coloca em seu devido lugar”:

- These unspeakable foreigners! The nerve! ‘Consummation’, indeed! And then, following in her footsteps, month after month, as if He stood a chance. His coarse epistles, his tuneless serenades beneath her casement widows, obliging her to have them closed, shutting out the cooling breeze. She had better things to do, a world to conquer and so forth, who did he think he was?

- Foreigners can be dogged. And can also, on account of language difficulties, fail to take a hint. Then again, let us not forget, it is considered *de rigueur* to keep a few foreigners around. They lend the place a certain cosmopolitan tone. They are often poor and consequently willing to perform divers necessary but dirty jobs. They are, moreover, a warning against complacency, their existence in our midst reminding us that there are quarters in which (hard as it is to accept) we ourselves would be considered foreign, too. (pp. 107 – 108)

Quando finalmente decide declarar seu amor e sua fidelidade à rainha, ele percebe o quanto Isabella é indiferente à ele, pois ela boceja de tédio ao final de seu discurso emocionante. Então, Colombo vai embora, amargurado e decidido a não voltar. Inclusive, seu determinismo e força de vontade são comprovados através de um sonho/alucinação em que vê a figura da rainha implorando por seu retorno, mas sem ceder.

Ao final, Colombo é acordado de seus sonhos por dois soldados que afirmavam que a rainha estaria clamando por seu retorno. Então, preparado para negar o pedido e continuar sua viagem, o herói abre a boca e aceita retornar para satisfazer os desejos de sua amada:

He comes to his senses.

He is on his knees in the fertility of the plains, waiting for death.

He hears the hoofbeats approaching and raises his eyes, half expecting to see the Exterminating Angel, riding towards him like a conqueror. Its black wings, the boredom on its face.

Isabella's heralds surround him. They offer him food, drink, a horse. They are shouting.

-Good news! The Queen has summoned you.

-Your voyage: wonderful news.

-She saw a vision, and it scared her.

-All her dreams are prophecies.

The heralds dismount. They offer bribes, plead, cajole.

-She ran from the Court of the Lions, shouting out your name.

*-She will send you beyond the stone bowl of the known world,
beyond the thick blood of the sea.*

-She's waiting for you in Santa Fé.

-You must come at once.

He stands up, like a required lover, like a groom on his wedding day. He opens his mouth, and what almost spills out is the bitter refusal: no.

'Yes,' he tells the heralds. *Yes. I'll come.* (pp. 118 – 119)

Como vemos, então, a imposição é feita de forma “discreta”, sem ser agressiva, constituindo-se, então, numa espécie de conquista do subconsciente do submisso. No conto “Chekov and Zulu” há uma situação que demonstra ainda mais a introspecção do Ocidente no Oriente, de forma profunda, mas sem ser hostil, que se dá através do seriado Star Trek.

Como vimos na introdução, o seriado expõe a problemática das batalhas modernas, onde, após uma crise apocalíptica no planeta Terra, seres humanos unem-se a outras espécies da [galáxia](#) para formar a [Federação dos Planetas](#) Unidos (da qual fazem parte a [Terra](#), [Vulcano](#), Alpha Centauri, Telar e Denobulo, entre outros). Dessa maneira, aqueles que conseguiram sobreviver ao colapso alcançaram o progresso científico, e superaram seus defeitos a partir da intervenção alienígena.

Desde o início do conto, a imagem da espaçonave se torna símbolo de destruição das barreiras, já que, por meio dela, pessoas poderiam chegar a lugares nunca antes alcançados – ela até é posicionada em um lugar de destaque na coleção de Zulu. Assim como as personagens do seriado, Chekov e Zulu sonharam desde criança em conquistar o mundo, e acharam sua forma de realização através do trabalho de diplomata; a nave representaria, então, a possibilidade de se alcançar os sonhos.

A partir de tal constatação, já é possível percebermos a introspecção surda da cultura ocidental no Oriente: desde crianças, Chekov e Zulu já mantêm contato com elementos de uma cultura que, até então, tinha sido colocada em um patamar totalmente diferente dos costumes indianos; Gandhi já aconselhava aos indianos a completa não-aceitação de quaisquer elementos culturais advindos do ocidente, pois, desta maneira, a Índia poderia manter sua posição de superioridade espiritual em comparação com as outras comunidades européias.

Aliás, a importância de Star Trek é tão grande que o seriado se torna responsável

pela retomada da essência em comum dos personagens: todas as vezes em que estão em vias de se desentenderem por causa da discrepância de suas idéias e estilos de vida, Chekov e Zulu retomam a paz e a harmonia por meio de elementos da série, sejam eles canções, frases de efeitos, imagens, ou os próprios apelidos:

Zulu turned slowly in Charles Atlas pose in front of a full-length mirror.

‘It has to look like a maverick stunt. If anything goes wrong, deniability is essential. Even your wife must not suspect the truth.’

Spreading his arms and legs, Zulu made his body a giant X, stretching himself to the limit. Then he came to attention. Chekov sounded a little frayed.

‘Zools? What do you say?’

‘Is the transporter ready?’

‘Come one, yaar, don’t arse around.’

‘Respectfully, Mister Chekov, sit, it’s my arse. Now then: is the transporter ready?’

‘Transporter ready. Aye.’

‘Then, energise.’ (pp. 158 – 159)

Pelo que podemos perceber, então, é que a influência do seriado Star Trek representa a força ocidental no Oriente, principalmente após a independência indiana. O que queremos enfatizar aqui, porém, é que tal influência se dá de forma invisível, e, conseqüentemente, não agressiva. Aliás, é importante percebermos que a própria imposição é, em parte, um produto do imaginário dos personagens, uma vez que Chekov afirma não ter nunca visto nenhum episódio da série, e que toda a construção de seu “universo Star Trek” se deu com

base nas imagens, e apelidos ouvidos ocasionalmente:

‘The funny thing about this blasted nickname of mine’, he said quickly to his dinner-table neighbour, the septuagenarian Very Big Businessman’s improbably young and attractive wife, ‘is that back then we never saw one episode of the TV series. No TV to see it on, you see. The whole thing was just a legend wafting its way from the US and UK to our lovely hill-station of Dehra Dun.

‘After a while we got a couple of cheap paperback novelizations and passed them round as if they were naughty books like Lady C or some such. Lots of us tried the names on for size but only two stuck; probably because they seemed to go together, and the two of us got on pretty well, even though he was younger. A lovely boy. So just like Laurel and Hardy we were Chekov and Zulu.’ (p. 165)

Ainda com relação ao imaginário, nos valem de Gandhi que vê como maior obstáculo para retomada de uma cultura genuinamente indiana, a imposição do ocidente no inconsciente dos indianos. Dessa forma, vemos que a problemática aqui se baseia na interiorização de elementos que, segundo o ativista, manchariam a pureza de uma cultura superior.

De qualquer maneira, a partir da década de 80 tornou-se inevitável conter o avanço da abertura de portas para a economia ocidental e, conseqüentemente para a globalização, principalmente depois que o primeiro ministro Rajiv Gandhi – o mesmo com quem Chekov trabalha – reduziu as tarifas de importação de máquinas e equipamentos, cortou os impostos sobre lucros e exportações.

Tornou-se impossível não haver uma mistura entre culturas tão distintas, que

inevitavelmente influenciaria a maneira com que cada indivíduo observa e julga o mundo onde vive. É aqui que entramos no nosso terceiro capítulo com o intuito de analisar o resultado no conto dessa mistura entre convicção e imposição, o qual denominamos de *sedução*.

CAPÍTULO III

A SEDUÇÃO

*“Maybe all fairylands are right here,
in our midst.”*

(“Chekov and Zulu”, p. 163)

Nos capítulos anteriores explicitamos como são construídos os dois primeiros níveis de nacionalismo no conto: a convicção (a partir da qual o sujeito exterioriza seus caracteres nacionalistas); e a imposição (de uma cultura sobre outra). Nossa conclusão, até agora, foi a de que os sentimentos de Chekov e Zulu foram construídos com base em uma sobreposição da sua essência indiana (representada pela infância em Der), e da influência de elementos exteriores, advindos do ocidente (como por exemplo, a presença constante do seriado Star Trek, e o sonho de desbravar o mundo). No presente capítulo procuraremos investigar de que maneira tal miscelânea entre convicção e imposição em Chekov e Zulu contribuíram para as diferentes maneiras com que ambos os personagens olham e julgam o mundo ao seu redor.

Como já vimos anteriormente, o teórico Benedict Anderson propõe em *Comunidades Imaginadas* que as nações são imaginadas de maneira quase simultânea pelos indivíduos, e que, o que faz as pessoas reconhecerem umas as outras como compatriotas é o fato de que todos estão formando, em suas mentes, uma espécie de fantasia territorial. Portanto, as nações seriam ficcionalmente construídas de maneira coletiva.

Porém, não podemos afirmar que a teoria de Anderson relaciona-se à Índia, uma vez que qualquer conceito de coletividade se torna problemático quando aplicado a um país com tamanha diversidade cultural, religiosa e política. O próprio Gandhi, que acreditava em uma união entre os indianos, classificou o país como uma “unidade dividida”⁹.

Rushdie demonstrará ser, o conceito de Anderson, inapropriado para seu país. Segundo o autor, nada na Índia pode ser imaginado de maneira coletiva, pois a formação cultural da sociedade não permite um englobamento de diferentes grupos sob mesmos princípios (Goonetilleke, 2005).

Como exemplo da argumentação de Rushdie, podemos citar a problemática da divisão entre castas no país, que, mesmo após sua abolição em 1950, continua vigente: os *Dalit* (ou “intocáveis”) continuam a ser considerados impuros, restando-lhes os trabalhos mais marginais, tais como, coletor de lixo, coveiro, talhante, etc. (Tharoor, 1998).

Contudo, a presença de uma multiculturalidade marcante não implica na ausência de uma formação imaginária de nação, até mesmo porque a metafísica, o mistério e a magia que permeiam a literatura indiana são suas principais características. Em seus estudos, Villa (2006)¹⁰ afirma que o poder de envolvimento da cultura indiana consiste no caráter fantástico que permeia as narrativas, pois são elementos extremamente diversos

⁹ Para uma explicação mais detalhada, ver capítulo I, sobre o nacionalismo no nível da convicção.

¹⁰ Villa, Dirceu. “Introdução”. In: MALLARMÉ, S. *Contos Indianos (trad. Dorothee de Bruchard)*. São Paulo: Hedra, 2006.

dos encontrados nas ficções ocidentais.

O autor enfatiza que o olhar oriental distingue do ocidental no que diz respeito à percepção concreta ou subjetiva de um determinado objeto. A distinção, portanto, se baseia na questão de como uma imagem é mentalmente construída, e é essa construção, por meio do olhar, que buscamos no conto.

O olhar do sujeito cria a nação a partir de características que dependem de fatores externos e subjetivos, como emoções e desejos. Logo, a imputação de conceitos sobre esse objeto em formação afeta, de maneira singular, sua construção perceptual, como ocorre com Chekov e Zulu: cada um registra os acontecimentos de maneiras distintas, uma vez que os olhares debruçados sobre o mundo foram construídos dissemelhantemente. Em outras palavras, assim como os personagens, *cada indivíduo indiano imaginará seu ideal de nação de acordo com seus próprios princípios*. Dessa maneira a Índia se torna uma nação imaginada, não coletivamente, como afirmava Anderson, mas individualmente.

A situação começa a se tornar complexa a partir do momento em que percebemos como é grande o choque entre cada um dos conceitos de nação. Fato é que, no final do conto Chekov e Zulu não conseguem se entender, pois construíram em suas mentes diferentes princípios para o que significa ser um indiano; ao verem que ambas as fantasias são inconciliáveis, separam-se para sempre.

‘There are those who think’, said Chekov slowly, ‘that after Indiraji the sikhs deserved what they got.’

Zulu stiffened.

‘You know me better than that, I hope,’ said Chekov. ‘Zulu, for God’s sake, come on. All our bleddy lives.’

‘No Congress workers have been indicated,’ said Zulu. ‘In spite of all the evidence of complicity. Therefore, I resign. You should quit,

too.’

‘If you have gone so damn radical,’ cried Chekov, ‘why hand over these lists at all? Why go only half the bleddy hog?’

‘I am a security of wallah,’ said Zulu, opening the car door. ‘Terrorists of all sorts are my foes. But not, apparently, in certain circumstances, yours.’

‘Zulu, get in, damn it,’ Chekov shouted. ‘Don’t you care for your career? A wife and four kiddiwinks to support. What about our old chums? Are you going to turn your back on me?’

But Zulu was already too far away. (p. 169)

A essa fantasia individual, denominaremos *sedução*, pois representa a força com que as nações imaginadas atraem aqueles que as constroem mentalmente. Em “Chekov and Zulu” há uma espécie de encanto com a fantasia, e, seduzidos por sua própria criação, os personagens agem de acordo com o que seria o padrão do cidadão legítimo dentro de sua comunidade imaginária. Cada personagem tenta convencer o outro do que é ser um cidadão indiano: Chekov tenta fazer com que Zulu desista da idéia de abandonar seu emprego e se aliar aos Sikhs, alegando que não é dessa maneira que Zulu conseguirá defender seu país. Zulu, por sua vez, pretende abrir os olhos de Chekov para a realidade indiana, aduzindo que não é ficando sentado em seu escritório que fará algo de produtivo pela Índia; em certo momento do conto, Zulu instiga Chekov a lutar em meio à guerra que está se formando:

‘Do you like Tolkien?’ Zulu asked.

‘I wouldn’t have put you down as a big reader,’ said Chekov, startled. ‘No offence.’

‘J. R.R. Tolkien,’ said Zulu. ‘The Lord of the rings?’

‘Can’t say I’ve read this gentleman. Heard of him, of course. Elves and pixies. Not your sort of thing at all. I’d have thought.’

‘It is about a war to the finish between Good and Evil,’ said Zulu intently. ‘And while this great war is being fought there is one part of the world, the Shire, in which nobody even knows it’s going on. The hobbits who live there work and squabble and make marry and they have no fucking vluue about the forces that threaten them, and those that save their tiny skins.’ His face was red with vehemence.

‘Meaning me, I suppose,’ Chekov said.

‘I am a soldier in that war,’ said Zulu. ‘If you sit in an Office you don’t have one small idea of what the world is like. The world is full of action, ji. The world of deeds, of things that are done and maybe undone, too. The world of life and death.’ (p. 162)

Vemos, então, que cada um fantasia seu objeto a sua maneira, e, apesar de terem dividido a mesma base cultural durante a infância, as diferentes influências externas sofridas por cada um dos personagens colaboraram na criação de imagens diversas de comunidades. A fábula interior tornou-se onipresente em Chekov e Zulu e, sem se darem conta, passou a interferir em sua realidade imediata, como sendo um véu deformador da realidade e dos laços afetivos¹¹, já que cada um dos personagens julga os outros de acordo com seus princípios.

Chekov critica, não apenas o Ocidente, mas os próprios indianos, como Zulu e sua mulher, por não notarem que estão fazendo escolhas erradas; em um dado momento do

¹¹ Sobre isso, J.-D. Nasio escreveu “A Fantasia” (2007), baseando-se nos estudos de Lacan sobre a importância da fantasia para o indivíduo, seja ele psiquicamente neurótico ou saudável.

conto, se refere a seu amigo como “putative traitor”, em decorrência de Zulu ter preferido se aliar aos sikhs, ao invés de continuar espionando-os.

Enquanto Chekov demonstra suas idéias através da raiva e das duras críticas, Zulu opta pela indignação, pois, após o atentado a Indira Gandhi, sikhs estão sendo mortos em praças públicas, e o Governo indiano parece não se preocupar com tal fato. Suas afirmações no final do conto deixam claro o fato de que Zulu sente que, depois de muito tempo, acordou para a realidade:

Chekov stopped the car. The two towers of Wembley Stadium were visible through a gap in the houses of the left.

‘What’s this? Did those extremists manage to turn your head or what?’

‘Chekov, ji, don’t be a fool. Who needs extremists when there are the killings in Delhi? Hundreds, maybe thousands. Sikh men scalped and burned alive in front of their families. Boy-children, too.’ (p. 168)

Encontramos, então, dois mundos construídos por cada personagem: para Chekov, a problemática Oriente/Ocidente é mais importante que os conflitos internos de seu país. Por isso, acreditando pertencer a uma cultura superior, cultiva a idéia de que o dever do indiano é recuperar tudo o que lhe foi tomado, de forma diplomática. Porém, a ânsia com que procura estabelecer ligações com grandes embaixadores ocidentais, e a ausência de preocupação com os conflitos internos indianos colaboram para a construção de uma imagem ambígua do personagem.

Por outro lado, Zulu se vê como um soldado que deve lutar em uma guerra contra as injustiças na Índia. Por voltar sua atenção às mortes sikhs, não se preocupa com o

choque existente entre ocidentais e orientais, tanto é que passa a maior parte do conto tentando acalmar o espírito crítico de Chekov.

As fantasias de ambos são teatros mentais que encenam os princípios, os desejos, as ações, e as personalidades que cada um considera como ideal, objetivando ser um cidadão indiano acima de qualquer coisa. Ao que parece, o único ponto de intersecção entre ambos, onde tanto Chekov quanto Zulu elaboram uma construção imaginária simultaneamente, é o universo Star Trek. Como já adiantamos no capítulo II (*imposição*), Star Trek acaba sendo um recurso utilizado para retomar os laços entres os personagens toda vez que eles se desentendem por causa de seus ideais.

‘If you don’t want that sandwich, hand it over,’ Said Chekov. ‘With my natural radicalism I should not have been a diplomat. I should have been a terrorist.’

‘But then we would have been enemies, on opposite sides’, protested Zulu, and suddenly there were real tears in his eyes. ‘Do you care nothing for our friendship? For my responsibilities in life?’

Chekov was abashed. ‘Quite right, Zools old boy. Too bleddy true. You can’t imagine how delighted I was when I learned we would be able to *join forces* like this in London. *Nothing like the friendship of one’s boyhood, eh?* Nothing in the world can take their place. Now listen, you great lummoX, no more of that long face. I won’t permit it. Great big chap like you shouldn’t look like he’s about to blub. Blood brothers, old friend, what do you say? All for one and one for all.’

‘Blood brothers,’ said Zulu, smiling a shy smile.

'Onward, then,' nodded Chekov, settling back on his cushions.

'Impulse power only' (p. 157)

A passagem mostra um desentendimento entre Chekov e Zulu, mas, logo após, com a retomada da importância da amizade e da infância para ambos, a reconciliação. A última linha contém expressões do seriado que funcionam como um comando para a nave *Enterprise* partir.

Outro aspecto do seriado Star Trek que recebe notória importância é o povoado Klingon. Durante seu relatório “top-secret” para a embaixada indiana (endereçado à James T. Kirk), Chekov cita o povo Klingon como extremamente perigoso, podendo ser nocivo para Zulu ter que espioná-los:

My strong recommendation is that Operation Startrek be aborted.

To send a Federation employee of Klingon origin unarmed into Klingon cell to spy is the crudest form of loyalty test. The operative question has never shown ideological deviation of any sort and deserves better, even in the present climate of mayhem hysteria and fear. If he fails to persuade the Klingons of his bona fides he can expect to be treated with extreme prejudice. There are no hostage takers.

The entire undertaking is misconceived. The locally settled Klingon population is not the central problem. Even should we succeed, such intelligence as can be gleaned about more important principals back home will no doubt be of dubious accuracy and limited value.

We should advise Star Fleet Headquarters to engage urgently with

the grievances and aspirations of the Klingon people. Unless these are dealt with fair and square there cannot be lasting peace. (pp. 159 – 160)

Os klingons são uma raça alienígena que há milhares de anos desenvolveram uma avançada [cultura](#), na qual havia conhecimento de [astronomia](#), [engenharia](#), [medicina](#), [direito](#) e [artes](#). A partir do desenvolvimento de [naves](#) interplanetárias que alcançam uma imensa velocidade, os klingons passaram a criar [colônias](#) em [planetas](#) na imediação de seu sistema.

Em meados do [século 21](#) terrestre, a sociedade klingon passa a ser [governada](#) pela [casta guerreira](#), que forma o Império e implanta uma [cultura](#) que preza a [guerra](#) e a [honra](#). Devido a tais características, suas ações foram de critério extremamente imperialistas os levaram ao conflito com os governos da [Federação dos Planetas Unidos](#) e com o *Império Romulano*¹².

Qualquer semelhança com a cultura europeia não é mera coincidência: durante todo o século XIX, no período vitoriano, a Inglaterra foi considerada a potência mais próspera e com o melhor desenvolvimento econômico do período. A partir de seu desenvolvimento, a rainha Vitória concentrou esforços na grande expansão do Império do Reino Unido, inclusive, colocando a Índia sob o domínio definitivo da coroa britânica após o Motim de Sepoy (1857), onde tropas de rebeldes indianos quase expulsaram a Companhia Britânica das Índias Orientais (que já estava instalada desde 1600 em seu país). Em [1887](#), o título Imperatriz da Índia foi dado à rainha por suas vitórias no Oriente.¹³

Porém, é intrinsecamente importante lembrarmos que, no relatório, Chekov

¹² Todas as informações sobre o seriado Star Trek foram retiradas de: DECANDIDO, Keith. *Star Trek*. London: Pocket Books, 2009.

¹³ Somervell, David. *Pequena história da Inglaterra*. Lisboa: Inquérito, 1941.

afirma que Zulu é um Klingon, mas que prova sua lealdade ao Governo Indiano (ou, à Federação dos Planetas Unidos) espionando-os. Bem sabemos que Zulu faz parte da religião Sikh e que, na época, fora mandado para espioná-los na Inglaterra¹⁴ para se certificar do envolvimento deles na morte de Indira Gandhi.

Chekov mais uma vez demonstra como a construção de seu mundo é ambígua, já que não deixa claro em seu memorando qual dos “inimigos do governo indiano” pode ser identificado como o povoado Klingon; é como se ele tentasse reunir todas as características de seus “adversários” através de um só termo; para classificar o mundo ao seu redor, aproxima-se da máxima “quem não está conosco, está contra nós”.

Com tal fato, percebemos que, apesar do objetivo de Chekov e Zulu ser agir de acordo com os princípios de sua comunidade imaginada individualmente, e, conseqüentemente, ser um legítimo indiano, não há como negar que o Ocidente tem grande importância na formação de tais nações, principal e surpreendentemente na nação de Chekov. O melhor exemplo de tal afirmação se encontra nos últimos momentos do conto, que coincide os últimos momentos de Chekov: pouco antes de sua morte, o personagem passa a ter alucinações formadas, basicamente, pela imagem de Zulu e da nave Enterprise do seriado:

The scene around him vanished, dissolving in a pool of light, and was replaced by the bridge of the Starship Enterprise. All the leading figures were in their appointed places. Zulu sat beside Chekov at the front.

‘Shields no longer operative,’ Zulu was saying. On the main screen, they could see Klingon Bird of Prey uncloaking, preparing to

¹⁴ Segundo Lakshmi (1997), há numerosas comunidades de Sikhs no Reino Unido, Estados Unidos, e Canadá. Fonte: Lakshmi Kapani. “O Sikhismo”. In: *As Grandes Religiões do Mundo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997

strike.

‘One direct hit and we’re done for,’ cried Dr McCoy. ‘For God’s sake, Jim, get us out of here!’

‘Illogical,’ said First Officer Spock. ‘The degradation of our dilithium crystal drive means that warp speed is unavailable. At impulse power only we would make a poor attempt indeed to flee the Bird of Prey. Our only logical course is unconditional surrender.’

‘Surrender to a Klingon!’ shouted McCoy. ‘Damn it, you cold-blooded, pointy-eared adding-machine, don’t you know how they treat their prisoners?’

‘Phaser banks completely depleted,’ said Zulu. ‘Offensive capability nil.’

‘Should I attempt to contact the Klingon captain, sir?’ Chekov inquired. ‘They could fire at any moment.’

‘Thank you, Mr Chekov,’ said Captain Kirk. ‘I’m afraid that won’t be necessary. On this occasion, the worst-case scenario is the one we are obliged to play out. Hold your position. Steady as she goes.’

‘The Bird of Prey has fired, sir,’ said Zulu.

Chekov took Zulu’s hand and held it firmly, victoriously, as the speeding balls of deadly light approached (p. 171)

Ao contrário do esperado pelas atitudes tradicionais de Chekov, não há, na alucinação, nenhum vestígio de imagens da cultura indiana, como por exemplo, elementos hindus ou muçulmanos. Mesmo declarando-se contrário à aproximação entre Índia e Inglaterra, a essência de Chekov está permeada de elementos ocidentais; a nação ideal que ele fantasiou

recebeu influências do Ocidente mesmo contra a sua vontade, ilustrando mais claramente nossa hipótese inicial de que a construção dos conceitos de nação é formada pela mistura entre convicção e imposição.

A dialética acerca das fantasias de Chekov e Zulu, bem como de sua conseqüente criação de dois mundos paralelos e inconciliáveis, nos ligam ao conceito de Maya na cultura indiana. Apesar de ter muitos significados, Maya é geralmente reconhecida como uma força do imaginário responsável pela criação da ilusão e do sonho da dualidade no Universo, impedindo os indivíduos de enxergarem sua verdadeira realidade.

Para o hinduísmo, acreditar que Maya representa uma realidade verdadeira é fechar os olhos para o fato de que todos são parte de um mesmo cosmos, e que a distinção entre o sujeito e o Universo não existe. Dessa forma, o objetivo do *insight* é entender que um indivíduo é apenas uma gota de água em um oceano.

No conto, é como se Chekov e Zulu estivessem presos em uma rede Maya, já que não se enxergam em uma coletividade, mas acreditam ser, cada um a sua maneira, os portadores da verdade. Seus atritos e desentendimentos são resultado de seus mundos limitados e puramente físicos nos quais sua consciência cotidiana está presa. Isso equivale a dizer que, de acordo com a filosofia hindu, Chekov e Zulu nunca alcançarão a verdade que tanto procuram.

A tentativa infrutífera de retirar o véu da ilusão pode ser também vista em “The Harmony of Spheres”, conto que narra a história de dois amigos cujos interesses são totalmente opostos. O próprio narrador, o indiano Khan, não compreendia a razão de continuar sendo amigo do inglês esquizofrênico Eliot, pois em seus momentos de loucura, Eliot tornava-se irreconhecível.

Perto do desfecho da história, Khan confessa que se aproximava de Eliot com o intuito de construir uma ponte Oriente e Ocidente, e, conseqüentemente, criar um mundo sem fronteiras e sem necessidade de classificação de nacionalidade:

But in Eliot's enormous, generously shared mental storehouse of the varieties of 'forbidden knowledge' I thought I'd found another way of making a bridge between here-and-there, between my two otherness, my double unbelonging. In that world of magic and power there seems to exist the kind of fusion of world-views, European Amerindian Oriental Levantine, in which I desperately wanted to believe. With his help I hope I might make a 'forbidden self'. (p. 141)

Com isso, percebemos que Khan acreditou que sua fantasia poderia se concretizar com a aproximação entre ele e Eliot; pretendo alcançar a harmonia total entre as nações, Khan procurou aboli-las, acabando com qualquer diferença.

No final, a esquizofrenia de Eliot chega a seu auge e o leva a óbito. Meses depois, Khan descobre um caderno com as anotações que o amigo fazia durante as crises esquizofrênicas; lá estavam comentários maldosos sobre a mulher de Eliot, seu trabalho, sua vida, o próprio Khan, etc., mas o que mais o surpreendeu foram as passagens eróticas relacionadas à sua mulher, Mala. No último momento do livro, Mala confessa a Khan que as passagens escritas por Eliot não eram apenas fantasias, pois realmente aconteceram. Apesar do conto não continuar, é possível perceber o fracasso na tentativa de estabelecer uma harmonia total.

Fracasso este que não ocorre de forma isolada: todos os contos de *East, West* terminam por adotar uma posição "conformista" diante do impasse de culturas, e da impossibilidade de estabelecimento de uma harmonia. Em "Chekov e Zulu" fica claro que não há uma saída encontrada para as relações inter-culturais, mas sim, momentos em que ambos os personagens compartilham das mesmas experiências, e, em decorrência disso,

podem conviver tempo o bastante para que Zulu complete sua missão. O resultado, porém, é arriscadamente paradoxical: a aproximação fez com que os amigos se separassem e nunca mais voltem a se ver (a não ser na alucinação de Chekov); o compromisso com a identidade imaginada, bem como a sedução exercida por esta, manifestam-se de forma mais poderosa do que a amizade.

CONCLUSÃO

Levando em consideração que nenhum dos conceitos de nação elaborados pelos mais diversos teóricos (como Chatterjee, Anderson, Hobsbawn, etc.) conseguiram abarcar por completo o que foi observado na obra de Rushdie, concluímos que ser indiano na nação imaginada da modernidade tardia depende de como o indivíduo articula os três movimentos de nação: a convicção, a imposição, e a sedução. Através da primeira variação, a *convicção*, examinamos que esta se manifesta de diferentes maneiras, já que, enquanto Chekov duramente julga o ocidente de acordo com seus valores indianos (ilustrando o que chamamos de convicção interna), Zulu permanece abolindo os conflitos entre o oriente e ocidente (convicção externa), e, mesmo quando resolve romper os laços com Chekov, esclarece que seu ressentimento é com o próprio Governo Indiano.

Embora considerem suas essências legítimas, Chekov e Zulu tem seu olhar influenciado também pela *imposição* de elementos ocidentais, representados pelo seriado Star Trek. A observação se tornou ainda mais interessante na medida em que percebemos que imposição e convicção influenciaram a formação dos personagens de forma simultânea, pois mesmo a adoração pelo seriado surgiu na infância, assim como as lembranças em Dehra Dun.

O resultado de convicção e imposição é a construção de uma nação imaginária, cuja formação varia de indivíduo para indivíduo. De qualquer maneira, o poder que elas exercem sobre cada indiano tem grande força e foi denominada por nós como *sedução*, pois envolve os personagens em uma rede de ilusões (Maya) tão complexa que os obriga a sofrer mudanças em suas vidas, e os impede de levar sua amizade adiante.

Diante disso, a saída que os personagens encontram para as inter-relações multiculturais é o afastamento. Aliás, é esse o aspecto em comum entre os contos de *East*,

West: a impossibilidade de harmonização. Em todos os casos, os personagens não conseguem superar as diferenças, e a história termina sem a resolução dos problemas estabelecidos: em “Good advice is rarer than rubies”, Rehana surpreende Muhammad ao ficar feliz por não ter conseguido o visto para a Inglaterra, pois não queria casar com alguém que ela nunca tinha visto; em “The free radio”, Ramani decepciona seu idoso professor ao casar-se com uma viúva e, tempos depois, muda-se para Bombaim para tentar a carreira de ator; em “The prophet’s hair” vemos como o fanatismo religioso destrói tragicamente toda uma família; em “Christopher Columbus and Queen Isabella”, o cavaleiro não consegue manter sua promessa de permanecer longe da rainha, e, no final, volta para ela, mesmo sentindo-se humilhado por ter tido seu amor rejeitado inúmeras vezes; em “The Courter”, ao ser pressionado a escolher entre oriente e ocidente, o narrador termina por não escolher nenhum dos lados, fazendo uma clara alusão ao já comentado individualismo existencial.

Em “Chekov and Zulu” não é diferente: os personagens principais começam retomando seus laços de amizade, mas terminam por admitir que suas vidas são inconciliáveis. A partir disso, percebemos a tentativa de Rushdie em desconstruir o imaginário dos leitores, já que os personagens não conseguem equilibrar seus diferentes pontos de vista. Ao mesmo tempo, Rushdie sugere a necessidade de respeitar as diferenças em um mundo moderno tão heterogêneo, uma vez que, em um mundo tão pluralizado, é impossível distinguir os limites entre o que chamamos de “eu” (ou, nossa essência) e o “outro” (aquilo que é exterior à nós) na formação de nossa própria identidade. Segundo Hall, a questão da visão que nós temos do “outro” e que o “outro” tem de nós, seria compreendida mais apropriadamente se o termo identidade fosse substituído por identificação: “Identity arises, not so much from the fullness of identity which is already inside us as individuals, but from a lack of wholeness which is 'filled' from outside us, by the ways we imagine ourselves to be seen by others” (p. 287)

Através da observação dos outros contos de Rushdie, é possível perceber que uma harmonia eterna entre o “eu” e o “outro” é impossível de ser concretizada, tanto porque o poder de sedução que as nações exercem sob cada indivíduo que a imaginou é mais forte que qualquer relacionamento, desfazendo, inclusive, o laço de amizade entre Chekov e Zulu. Contudo, ao mesmo tempo, Rushdie nos mostra que nossa formação como indivíduos pluralizados nos abre possibilidades de contato com outras culturas, além de nos incutir o dever de respeitar as diferenças – mesmo porque podem haver mais semelhanças do que nos é imaginado.

Com relação ao conto, nosso resultado foi o de que é impossível estabelecer uma harmonia completa e eterna entre diferentes culturas¹⁵, uma vez que a sedução exerce um poder sobre os indivíduos muito mais forte que qualquer outra relação que possa ser estabelecida. No conto analisado “Chekov and Zulu”, foi possível perceber que os personagens principais começam retomando seus laços de amizade, e até os mantem tempo o bastante para que Zulu possa completar sua missão de espionar os grupos religiosos mais exterministas na Inglaterra.

Foi possível observar de que maneira o indivíduo constrói a nação de acordo com a sua própria formação e sua vivência no mundo. A partir disso, constatamos que a harmonização entre indivíduos distintos não é constante, e, em muitas vezes, impossível de ser estabelecida. Ao mesmo tempo, Rushdie deixa claro que a diferença entre as pessoas é menor do que é imaginado, e o fato de Chekov e Zulu se separarem no momento em que se descobrem mais próximos do que nunca ilustra a idéia de que é desconfortável para nós encontrarmos similaridades naqueles que nos parecem tão diferentes.

Ambos os personagens dividem tantas semelhanças que constituem-se como quase um único indivíduo: partilham das mesmas lembranças da infância, do mesmo interesse

¹⁵ E, quando dizemos “diferentes culturas” estamos nos referindo, não somente à sociedades pertencentes a diferentes países, mas também entre diferentes grupos culturais dentro de um próprio país, como é o caso da Índia.

por Star Trek, da mesma profissão, e o mesmo amor pela representação da Índia que cada um guardava dentro de si. Foi procurando distanciar-se de sua “outra metade” que Zulu resolve mudar radicalmente de vida, voltando para seu lugar de origem e abandonando sua profissão como diplomata. Em outras palavras, para escapar de si mesmo, o personagem precisa, não apenas alterar seus valores e sua comunidade, mas também afastar-se de Chekov, ilustrando o desconforto freudiano que o “eu” sente diante do “outro” tão desconhecido, e, ao mesmo tempo, tão familiar (Freud, 1919).

Ambos os personagens têm noções muito diferentes sobre a missão de Zulu, o relacionamento da Índia com a Inglaterra, e da maneira de lidar com os conflitos internos indianos. Mesmo assim, os dois estão aptos a estabelecer uma aliança para uma proposta em comum, pelo menos até Zulu completar sua missão, através da simplificação da complexidade de suas identidades por meio de personagens de ficção científica. Podemos concluir que essas são as comunidades imaginadas do conto, afinal, como Zulu astutamente sugere: “maybe all fairylands are right here, in our midst.”

Bibliografia

AGUIAR, Flávio e VASCONCELOS, Sandra G. “O conceito de transculturação na obra de Ángel Rama”. In: Benjamin Abdala Junior. (Org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2004, v. , p. 87-99.

AHMAD, Aijaz. “Jameson’s rhetoric of otherness and the ‘National Allegory’”. In: *In theory: classes, nations, literatures*. London: Verso, 1994.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Revised Edition ed. London and New York: Verso, 1991.

BHABHA, Homi. “DissemiNation: time, narrative and the margins of the modern nation”. In: *Nations and narration*. London: Routledge, 1990.

_____. *Nation and Narration*, London: Routledge, 1990.

_____. *The Location of Culture*, London: Routledge, 1994.

_____. Freedom’s Basis in the Indeterminate. In: RACHMAN, John (org). *The Identity in Question*. New York: Routledge, 2002, p. 47-61

BRUNNER, Jerome. “Life as narrative”. In: DYSON, A.H. e GENISHI C. (org.). *The need for story: Cultural diversity in classroom and community*. Urbana, IL: National Council of Teachers of English, 1994, pp. 28 – 37. BURDEAU, Georges. *O estado*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CHATTERJEE, Partha. *The Nation and its Fragments. Colonial and Postcolonial Histories*. In the *Partha Chatterjee Omnibus*. New Delhi: Oxford University Press, 1999.

CHAUDHURI, Amit. *The Vintage Book of Modern Indian Literature*. USA: Vintage Books. 2002.

CUNHA, Maria J. C. GURAN, Milton. HASSE, Geraldo. MENEZES, Frederico L. de. STEVENS, Cristina M. T. *Migração e identidade – olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro editora, 2007.

DECANDIDO, Keith. *Star Trek*. London: Pocket Books, 2009.

GANDHI, Mahatma (Mohandas Karamchand). *Gandhi – Hind Swaraj and other writings* (Org. PAREL, Anthony J.). USA: Cambridge, 1997.

GOONETILLEKE, D.C.R.A. *Salman Rushdie*. UK: Macmillan, 1998.

FANTINI, Marli. “Águas turvas, identidades quebradas: hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem e outras misturas”. In: Benjamin Abdala Junior. (Org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2004, pp. 159 – 178.

FORSTER, E. M. *A Passage to India*. UK: Penguin. 2005.

Folha online: “Para Rushdie, política e literatura são indissociáveis. In: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u51915.shtml>, 2005.

_____ : “Superioridade americana é fenômeno temporário’, diz Eric Hobsbawm”. In: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u332395.shtml>, 2007.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.

_____ & Held, David. *Modernity*. UK: John Wiley Professio, 1997.

HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Trad. Maria Celia Paoli. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

JUNG, Carl. “Aspectos gerais da psicologia do sonho.” In: *A natureza da psique*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1971.

LAKSHMI, Kapani. “O Sikhismo”. In: *As Grandes Religiões do Mundo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997

LAZARUS, Neil. *Nationalism and Cultural Practice in the Postcolonial World*. UK: Press Syndicate of the University of Cambridge, 1999.

MEHROTRA, Arvind Krishna (Org.). *A History of Indian Literature in English*. USA: Columbia University. 2003.

MERCHANT, Ismail. *My Passage from India*. USA: Viking, 2002. ROBB, Peter. *A History of India. Volumes I and II*. USA: Palgrave. 2004.

NASIO, Juan David. *A Fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

RUSHDIE, Salman. *East, West*. UK: Vintage Books, 1996.

_____. *Haroun and the Sea of Stories*. London: Penguin UK, 1997.

_____. *Os Versos Satânicos (trad. Misael Dursan)*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

SOMERVELL, David. *Pequena história da Inglaterra*. Lisboa: Inquérito, 1941.

SOUZA, Mauricio Rodrigues de. “A psicanálise diante do outro: revisando o ‘inquietante’ freudiano”. In: *Experiência do outro, estranhamento de si: dimensões da alteridade na antropologia da psicanálise*. Tese de doutorado apresentada para a USP, São Paulo, 2007.

THAROOR, Shashi. *India. From Midnight to the Millennium*. New York: First Harper – Perennial, 1998.

VASCONCELOS, Sandra G. T. *Puras Misturas. Estórias em Guimarães Rosa*. 1ª Ed. Editora Hucitec/FAPESP: São Paulo, 1997.

Villa, Dirceu. "Introdução". In: MALLARMÉ, S. *Contos Indianos* (trad. Dorothee de Bruchard). São Paulo: Hedra, 2006.

WEST, Cornell. *Restoring Hope: Conversations on the Future of Black America*, edited by Kelvin Sealey. Boston: Beacon Press, 1998.

_____. *The Future of American Progressivism*, with Roberto Unger. Boston: Beacon, 1998

WEST, Elizabeth e RUSHDIE, Salman. *Mirrorwork. 50 Years of Indian Writing 1947 - 1997*. UK: Herry Holt, 1997.